



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
REGIONAL CATALÃO  
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE HISTÓRIA E CIÊNCIAS SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – MESTRADO  
PROFISSIONAL**

**ERICK MARCUS DOS REIS E CRUZ**

**DO CURRAL AO LATICÍNIO:  
A MEMÓRIA DOS LEITEIROS EM GOIANDIRA 1954 – 1990**

**VOLUME I**

**CATALÃO – GO  
2021**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE HISTÓRIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

## **TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES**

### **E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

#### **1. Identificação do material bibliográfico**

Dissertação       Tese

#### **2. Nome completo do autor**

Erick Marcus dos Reis e Cruz

#### **3. Título do trabalho**

DO CURRAL AO LATICÍNIO: A MEMÓRIA DOS LEITEIROS EM GOIANDIRA 1954 – 1990.

#### **4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)**

Concorda com a liberação total do documento  SIM       NÃO<sup>1</sup>

**[1]** Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- a)** consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);
- b)** novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

**Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.**



Documento assinado eletronicamente por **Cláudio Lopes Maia, Professor do Magistério Superior**, em 31/05/2021, às 16:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **ERICK MARCUS DOS REIS E CRUZ, Discente**, em 01/06/2021, às 15:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **2071829** e o código CRC **C9F0A9BE**.

ERICK MARCUS DOS REIS E CRUZ

**DO CURRAL AO LATICÍNIO:  
A MEMÓRIA DOS LEITEIROS EM GOIANDIRA 1954 – 1990**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História – Mestrado profissional: História, Cultura e Formação de professores, da UFG/Regional Catalão, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em História.

Área de Concentração: História  
Linha de Pesquisa: História, Sociedade e Práticas Educativas

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Lopes Maia

VOLUME I

CATALÃO – GO  
2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Cruz, Erick Marcus dos Reis e  
Do Curral ao Laticínio [manuscrito] : a memória dos leiteiros em  
Goiandira 1954 - 1990 / Erick Marcus dos Reis e Cruz. - 2021.  
1024 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Lopes Maia.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Unidade  
Acadêmica Especial de História e Ciências Sociais, Catalão,  
Programa de Pós-Graduação em História (profissional), Catalão, 2021.  
Bibliografia. Anexos. Apêndice.

1. Leite. 2. Leiteiros. 3. Laticínios. 4. Memória e Reestruturação da  
Produção Leiteira. I. Maia, Cláudio Lopes, orient. II. Título.

CDU 94



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE HISTÓRIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

### ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº 93 da sessão de Defesa de Dissertação de **Erick Marcus dos Reis Cruz**, que confere o título de Mestre em História – nível Mestrado Profissional, na área de concentração em História.

Ao/s **trinta e um dias do mês de maio de dois mil e vinte um**, a partir da(s) **14h30m, remotamente**, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada: **DO CURRAL AO LATICÍNIO: A MEMÓRIA DOS LEITEIROS EM GOIANDIRA 1954 – 1990**. Os trabalhos foram instalados pela Orientador, Professor Doutor **Cláudio Lopes Maia - (PPGHMP/INHCS/UFG/UFCAT em transição)** “cuja participação ocorreu por meio de videoconferência” com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professor Doutor **Gilmar Alves de Avelar - (IGEO/UFG/UFCAT em transição)**, membro titular externo; “cuja participação ocorreu por meio de videoconferência”, Professor Doutor **Paulo César Inácio - (PPGHMP/INHCS/UFG/UFCAT em transição)**, membro titular interno “cuja participação ocorreu por meio de videoconferência”. Durante a arguição os membros da banca **não fizeram** sugestão de alteração do título do trabalho de forma a estabelecer melhor vínculo com o conteúdo. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido(a) a candidato **aprovado** pelos seus membros. Proclamados os resultados pelo Professor Doutor **Cláudio Lopes Maia**, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, ao(s) **trinta e um dias do mês de maio de dois mil e vinte um**.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Cláudio Lopes Maia, Professor do Magistério Superior**, em 31/05/2021, às 16:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Paulo César Inácio, Professor do Magistério Superior**, em 31/05/2021, às 16:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

Documento assinado eletronicamente por **Gilmar Alves De Avelar, Professor do Magistério Superior**, em 31/05/2021, às 16:41, conforme horário oficial de



Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

---



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **2071828** e o código CRC **7602DB52**.

---

**Referência:** Processo nº 23070.024673/2021-60

SEI nº 2071828

*Dedico essa dissertação a minha mamãe,  
Raquel David dos Reis, que foi mãe e pai ao  
mesmo tempo, e que sempre foi uma grande  
intercessora e incentivadora em todos os  
desafios da minha vida.*

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar a Deus, pelo dom da vida.

Ao professor Cláudio Maia, por valiosa orientação e, pelo interesse que sempre demonstrou pela minha pesquisa, meu muito obrigado.

Ao Állison e à sua esposa Lorena, pela transcrição das entrevistas.

Aos amigos, Fábio Tristão e Gilmar Avelar, pelas leituras e apontamentos desde o anteprojeto, a vocês meu muito obrigado.

A Mariana, professora de Inglês ainda durante o processo seletivo para ingresso no programa.

Aos professores do programa, que muito me auxiliaram durante as aulas.

Ao secretário do programa, Gislei, e posteriormente o Alex, sempre muito atenciosos, prestativos e eficientes na solução dos problemas que surgiam ao longo do curso.

À minha esposa, Rogelina, pela parceria constante, pela ajuda na realização das entrevistas, pelas leituras e revisões do texto.

À minha mãe que sempre estimulou e acompanhou todo o trabalho.

Aos colegas de mestrado, pelo apoio e companheirismo durante todo o curso.

Aos entrevistados, sem os quais não haveria o trabalho.

À Cooperativa Agropecuária de Catalão, ao presidente e a todos os servidores, sempre dispostos e atenciosos na disponibilização de dados para a pesquisa.

À Renata, proprietária do laticínio Goiandira, bem como a todos os servidores, pela valiosa colaboração e atenção.

Aos irmãos da igreja pelas orações.

Aos familiares pelo incentivo.

Finalmente, agradeço a todos que colaboraram para a realização deste trabalho.

A todos vocês, meu muito obrigado.

## RESUMO

A presente proposta de dissertação tem por objetivo refletir sobre os vários significados da memória socialmente construída pelos trabalhadores transportadores de leite in natura (leiteiros) em Goiandira- GO. Estes sendo entendidos como aqueles sujeitos (proprietários de camionetas e ou carroças, ou empregados destes) que percorriam as fazendas recolhendo o leite e entregando-o nos laticínios. O trabalho implica em recuperar a experiência de um grupo de trabalhadores transportadores de leite (leiteiros), a partir dos seus depoimentos, resgatando a memória socialmente construída por esses sujeitos, analisando a diversidade social e histórica, problematizando o sentido político e social atribuído a esses registros, pensando os diversos posicionamentos pessoais expressos nas versões desses sujeitos. A metodologia utilizada consistiu inicialmente em coordenar o levantamento e a organização das fontes históricas, sejam elas escritas ou orais. No caso das fontes escritas, procuramos primeiro identificar e catalogar cada documento, para depois analisá-lo. Em relação às fontes orais, elas foram produzidas a partir de entrevistas semiestruturadas, elaboradas a partir da aplicação de um questionário abrangente, que depois foram transcritas. Ao final, elaboramos como resultado do trabalho, a dissertação, que poderá servir como um instrumento para o ensino e pesquisa em História, resgatando o que foi vivido, dando sentido as experiências históricas perdidas em um tempo.

**Palavras chave:** Leite. Leiteiros. Laticínios. Memória e Reestruturação da Produção Leiteira.

## ABSTRACT

The present dissertation, aims, thinks about several meanings of memories socially construct by workers who transport milk in natura (milkmen) in Goiandira –GO. These are understanding like subjects (owners of trucks or carts, or their employees), that went through farms delivering milk to the dairies. This work consists of recover the experience, of a group of workers, who transport milk (milkmen), from their testimony, recovering the memory socially constructed by these subjects, analyzing the social and historical diversity, problematizing the political and social meaning assigned to these records, thinking about several personal positions shown in the versions of these subjects. The methodology used consisted, initially, in coordinate the collection and the organization of historical sources written or oral. In the case of written sources, first we tried to identify and catalog each document, and then analyze it. About oral sources, they were produced from semi-structure interviews, elaborated from an application of a comprehensive questionnaire, later they were transcribed. At the end, we developed as a result of the work, the dissertation, that will can be used like an instrument for teaching and searching in History, rescuing what has lived, giving meaning to historical experiences lost in time.

**Keywords:** Milk. Milkmen. Milk Industry. Memory and Restructuring of Milk Production.

## SUMÁRIO

### VOLUME I

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO 1. O SURGIMENTO DOS LATICÍNIOS WANDA E A FORMAÇÃO DA ATIVIDADE DO LEITEIRO .....</b>	<b>18</b>
<b>1.1. A Importância do Leite.....</b>	<b>18</b>
<b>1.2. A Evolução da Pecuária Leiteira no Brasil.....</b>	<b>19</b>
<b>1.3. O Surgimento do Laticínio Wanda e a Formação da Atividade do Leiteiro .....</b>	<b>21</b>
<b>CAPÍTULO 2. A EVOLUÇÃO DA INDÚSTRIA MODERNA NO BRASIL E O APARECIMENTO DO SEGUNDO ESTÁGIO DA ATIVIDADE DO LEITEIRO .....</b>	<b>35</b>
<b>2.1. A Evolução da Indústria Moderna no Brasil.....</b>	<b>35</b>
<b>2.2. A Modernização da Agricultura, a Frente de Expansão Agrícola, a Reestruturação da Agroindústria Láctea e o Segundo Estágio da Atividade do Leiteiro .....</b>	<b>40</b>
<b>2.3. O Segundo Estágio da Atividade do Leiteiro: Leiteiro, Camponês e Indústria, uma Relação Complexa.....</b>	<b>42</b>
<i>2.3.1. O Primeiro Estágio da Atividade do Leiteiro .....</i>	<i>45</i>
<i>2.3.2. O Segundo Estágio da Atividade do Leiteiro .....</i>	<i>50</i>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>72</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>75</b>

### VOLUME II

<b>APÊNDICE A – Entrevista com João Teles.....</b>	<b>78</b>
<b>APÊNDICE B – Entrevista com Lázaro Borges.....</b>	<b>127</b>
<b>APÊNDICE C – Entrevista com Luís Lara .....</b>	<b>206</b>
<b>APÊNDICE D – Entrevista com Vandervino Mota .....</b>	<b>296</b>
<b>APÊNDICE E – Entrevista com Valmir Rosa .....</b>	<b>398</b>
<b>APÊNDICE F – Entrevista com Albertino Carneiro .....</b>	<b>460</b>
<b>APÊNDICE G – Entrevista com Aparecido Fernandes .....</b>	<b>527</b>
<b>APÊNDICE H – Entrevista com Azarias Ferreira.....</b>	<b>594</b>
<b>APÊNDICE I – Entrevista com Daniel Muniz.....</b>	<b>660</b>

<b>APÊNDICE J – Entrevista com Niese Santos .....</b>	<b>738</b>
<b>APÊNDICE K – Entrevista com Vanildo Borges .....</b>	<b>816</b>
<b>ANEXO A – Decreto nº. 30.691, de 29 de março de 1952 .....</b>	<b>895</b>
<b>ANEXO B – Produção e Armazenamento de Creme e Manteiga .....</b>	<b>1023</b>

## INTRODUÇÃO

A presente dissertação procurou identificar como se deu a formação e evolução da atividade do leiteiro na cidade de Goiandira, um município do Brasil, localizado na região sudeste do Estado de Goiás, a 250 km da capital Goiânia, bem como sua complexa relação com a indústria e o camponês, a partir da memória socialmente construída por eles. Essas lembranças foram trazidas à tona através dos seus depoimentos.

A memória é uma reconstrução do passado com o auxílio de um conjunto de informações do presente, e além disso, organizada por outras reconstituições assentadas em períodos precedentes e de lá manifesta-se já bem mudada. As lembranças não residem no passado, muito pelo contrário, elas se utilizam do tempo presente de onde elas são impulsionadas e apoiadas por uma outra visão. Nessa linha, a lembrança é “uma reconstrução do passado com a ajuda de dados tomados de empréstimo ao presente e preparados por outras reconstruções feitas em épocas anteriores”, da qual “a imagem de outrora já saiu bastante alterada” (HALBWACHS, 2013, p. 91).

Trata-se de uma concepção que já foi debatida por vários autores através de uma série múltipla de orientações e paradigmas teóricos, que vão do campo da abordagem e explicação neurofisiológica, psicanalítica, até o campo das ciências sociais. No caso da história, ela pode ser compreendida como um fato social, podendo manifestar-se de forma individual ou coletiva.

Nesse trabalho, utilizaremos a categoria de **memória coletiva**, pois compreendemos que a memória é construída coletivamente em grupos sociais, o indivíduo que lembra faz parte de grupos de referência, é uma construção coletiva, conforme o entendimento do sociólogo francês da escola durkheiminiana, Maurice Halbwachs (2013):

Não basta reconstituir pedaço por pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstituição funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aqueles e vice-versa, o que será possível se somente tiverem feito e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo. (HALBWACHS, 2013, p. 39)

Na memória coletiva o passado é constantemente reorganizado e alimentado enquanto lhe é atribuído outro significado. A memória coletiva é uma forma de história viva. Ela se apresenta como uma espécie de solução para o passado, como um bálsamo para os ferimentos. Nesse sentido, a importância da memória coletiva se dá porque ela preserva o valor do passado para os grupos sociais.

O local da memória coletiva no processo histórico, foi entendido da seguinte maneira por Cardini (1988):

[...] a grande protagonista da história é a memória coletiva, que tece e retece, continuamente, aquilo que o tempo cancela e que, com a sua incansável obra de mistificação, redefinição e reinvenção, refunda e requalifica continuamente um passado que, de outra forma, correria o risco de morrer definitivamente ou de permanecer irremediavelmente desconhecido. (CARDINI, 1988, p. xii)

Ainda, utilizamos o conceito de memória coletiva, por compreender a atividade dos leiteiros, e o papel de protagonista desempenhado por eles na intermediação das relações do camponês com a indústria, como sendo uma experiência de classe, na medida em que eles estabelecem amarrilhos na relações de produção. A constituição da classe é um processo histórico elaborado por pessoas que passam por determinadas experiências incluídas em conjunturas específicas.

Embora a classe possua vínculos com as relações de produção inseridas num tempo e espaço, ela se constitui em seu fazer-se. Contudo não são essas relações que definem sua consciência. Ela se forma num processo onde os indivíduos tomam consciência de que partilham vivências, sentimentos e elementos culturais comuns. Não se trata de uma consciência da exploração do capital em si, mas o reconhecimento dessas experiências e culturas compartilhadas, como definido por Thompson (2011):

A classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus. A experiência de classe é determinada, em grande medida, pelas relações de produção em que os homens nasceram, ou entraram involuntariamente. A consciência de classe é a forma como essas experiências são tratadas em termos culturais: encarnadas em tradições, sistemas de valores, ideias e formas institucionais. Se a experiência aparece como determinada, o mesmo não ocorre com a consciência de classe. (THOMPSON, 2011, p. 10)

Diante das questões acima colocadas, entendemos que a melhor forma de compreendermos a memória coletiva desses sujeitos históricos (leiteiros), e a experiência de classe historicamente construída, era recorrendo a história oral por conta de sua especificidade, na medida em que fala de vidas, de pessoas, de pluralidade de versões e experiências, podendo também revelar fatos desconhecidos nessa relação, leiteiro, camponês e indústria, como por exemplo, novas formas de organização de trabalho e quais tipos de relação eram estabelecidas entre si, além do transporte do leite ou seu derivado até o laticínio.

A história oral não tem um indivíduo uno; ao contrário, a história é contada a partir de

vários pontos de vista, onde se detecta a parcialidade do narrador, uma vez que existe lado. E essa possibilidade de confrontação de versões que a torna interessante, conforme Portelli (1997) observa:

A história oral não reside onde as classes operárias falam por si próprias. A afirmação contrária, naturalmente, não seria totalmente infundada: o relato de uma greve nas palavras e memórias de trabalhadores, ao invés daqueles da polícia e da (sempre inamistosa) imprensa, obviamente ajuda (embora não automaticamente) a equilibrar a distorção implícita naquelas fontes. Fontes orais são condição necessária (não suficiente) para a história das classes não hegemônicas, elas são menos necessárias (embora de nenhum modo inúteis) para a história das classes dominantes, que tem tido controle sobre a escrita e deixaram atrás de si um registro escrito muito mais abundante. (PORTELLI, 1997, p. 37)

Nesse sentido, o trabalho pretende recuperar a memória coletiva e a experiência de um grupo de trabalhadores transportadores de leite *in natura* (leiteiros), recorrendo-se aos diversos elementos da oralidade, entrevistando e transcrevendo entrevistas, organizando – as em pastas, analisando a diversidade social e histórica, problematizando o sentido político e social, atribuído a esses registros, pensando os diversos posicionamentos pessoais expressos nas versões... desses sujeitos, resgatando o que foi vivido, dando sentido as experiências históricas, pois segundo Portelli (2001):

[...] a história oral é uma forma específica de discurso: história evoca uma narrativa do passado, oral indica um meio de expressão. No desenvolvimento da história oral como um campo de estudo, muita atenção tem sido dedicada às suas dimensões narrativa e linguística. (PORTELLI, 2001, p. 10)

Ao mesmo tempo, a pesquisa se ocupou também em conhecer e compreender outras questões, tais como: o início e a evolução da pecuária leiteira e do consumo de leite no Brasil, o aparecimento do laticínio Wanda na década de 1950 e a sua relação com formação da atividade do leiteiro em Goiandira; a evolução industrial moderna do Brasil, a modernização da agricultura, a expansão da fronteira agrícola e a metamorfose no processo de produção da agroindústria laticineira.

A história da organização e evolução da produção leiteira no Brasil, bem como da agroindústria laticineira se constitui em tema privilegiado na historiografia brasileira. Durante quase todo o século XX, a história do setor foi marcada por inovações tecnológicas, melhoramento genético do rebanho e aumento do consumo de leite e derivados. Igualmente o período foi marcado pela intervenção estatal por meio da edição de instruções normativas sanitárias elaboradas e controladas pelo Estado e o tabelamento de preços até a década de 1990.

Por outro lado, a partir da década de 1990, a história do setor foi marcada pela radical

abertura da economia brasileira para o mercado internacional favorecendo a entrada de empresas multinacionais no setor de laticínios, e o fim do tabelamento dos preços por parte do Estado. Tais fatos aumentaram a concorrência e alteraram substancialmente a relação entre o campesinato, o leiteiro e a indústria.

Em Goiás, os estudos sobre a evolução da produção leiteira, bem como da agroindústria laticínea, concentram-se sobre a reestruturação produtiva e seus impactos nas bacias leiteiras e cadeias produtivas.

Entretanto, pouca atenção tem sido dada à própria experiência de organização dos transportadores do leite *in natura* e/ou derivados, e a memória socialmente construída por tais trabalhadores, seja no vasto território brasileiro, seja em Goiás, seja em Goiandira, cidade da atuação desses sujeitos históricos e também objeto da pesquisa.

Quem eram, ou quem são esses leiteiros? O que significou ou significa ser leiteiro para aqueles que assim se identificavam ou se identificam? Que tipo de relações eles estabeleceram com o camponês e a indústria? Que papel exerceram no processo de produção da agroindústria laticínea? As respostas advindas dos depoimentos são múltiplas, variadas e carregadas de sentidos, pois trata-se de histórias de vida.

Nesse sentido, é importante destacar que em Goiandira, a atividade do leiteiro e sua complexa relação com a indústria e o camponês sofreram transformações, ou metamorfoses que se iniciaram na década de 1950 e se estendem até os dias atuais. Essas mudanças são resultados de um processo histórico marcado pela evolução industrial moderna do Brasil, a modernização da agricultura, a expansão da fronteira agrícola, e a reestruturação produtiva da agroindústria laticínea brasileira, regional e local, podendo ser dividida em três estágios.

O primeiro estágio, ou primeiro momento dessa metamorfose, marca praticamente também o início da atividade do leiteiro e se desenvolve entre meados da década de 1950 e início da década de 1970, quando os leiteiros são chamados de “cremeiros” pelos próprios produtores e pelo laticínio, tendo em vista que percorriam uma rota que era chamada de linhas do cremeiro transportando o creme, um derivado do leite, que era utilizado como matéria-prima para a produção de manteiga.

Já entre meados da década de 1960 até o início da década de 1990, desenvolve-se o segundo estágio, ou segundo momento dessa metamorfose, quando esses trabalhadores passaram a ser chamados de leiteiros pelos próprios produtores e pelo laticínio, tendo em vista que percorriam uma rota que era chamada de linhas do leiteiro transportando o leite *in natura*. Nesse novo estágio passaremos a chamá-lo de leiteiro tradicional.

E finalmente temos o terceiro estágio, ou terceiro momento, iniciando-se a partir da

década de 1990, estendendo-se até os dias atuais, onde esses trabalhadores continuam sendo chamados de leiteiros e atuando como autônomos, porém agora realizando o transporte em caminhões tanques refrigerados de sua propriedade ou pertencente ao laticínio.

A pesquisa, teve como foco principal o segundo estágio. O recorte temporal vai da década de 1950, quando provavelmente se inicia as atividades do laticínio Wanda na cidade de Goiandira, e estende-se até a década de 1990, quando o Estado brasileiro promove uma radical abertura da economia brasileira para o mercado internacional, e põe fim ao tabelamento dos preços. Essas medidas favoreceram a entrada de empresas multinacionais no setor de laticínios, aumentaram a concorrência, alteraram substancialmente a relação entre o campesinato e a indústria e praticamente decretaram a extinção do leiteiro tradicional.

Buscamos como problemática central, compreender através da memória socialmente construída por esses trabalhadores, o papel de protagonismo exercido pelo leiteiro na intermediação da relação entre o camponês e a indústria em Goiandira. E como esse papel contribuiu para submeter o campesinato a uma condição de menor autonomia em relação à indústria. Para tanto, utilizamos os relatos colhidos a partir dos depoimentos desses trabalhadores

A metodologia utilizada para a elaboração da presente pesquisa, consistiu em coordenar o levantamento e a sistematização de fontes históricas, sejam elas orais e ou escritas.

Em relação às fontes escritas, identificamos, selecionamos e catalogamos alguns documentos, tais como: planilhas, rotas (chamadas de linha de leite pelos leiteiros), legislações sanitárias, fichas de controle de quantidade de leite transportado e foto do laticínio e de seus trabalhadores.

Também utilizamos a fonte oral, onde fizemos registros fotográficos, sonoros e audiovisuais obtidos por meio da realização de entrevistas organizadas a partir da aplicação de questionários semiestruturados com uma série de perguntas abertas, que englobava desde dados pessoais, até questões que apontavam para a experiência e o relacionamento vivenciado por leiteiros, produtores e empresa. Essas perguntas foram aplicadas a todos os entrevistados, ou seja, todos responderam às mesmas perguntas.

Todo esse acervo oral, foi transcrito e organizado em pastas, possibilitando-nos a análise e a compreensão da diversidade social e histórica que as permearam, bem como nos permitiu problematizar o sentido e significado histórico, político e social, atribuído a esses registros, e igualmente compreender a organização da produção leiteira, e as complexas relações estabelecidas entre o camponês, o leiteiro e a indústria ao longo do recorte temporal acima proposto.

De maneira que pudéssemos elaborar uma abordagem, que fosse capaz de ser contada a partir dos relatos desses sujeitos históricos, tentando equilibrar a narrativa histórica construída a partir de dados estatísticos contidos nos documentos oficiais das cooperativas, indústrias lácteas, ou nos relatórios dos órgãos governamentais sobre a atuação dos leiteiros na agroindústria laticineira. Como diz a canção de Phil Collins (1993): “We always have to hear both sides of the story” (COLLINS, 1993, Refrão), ou seja, nós sempre temos que ouvir os dois lados da história.

Nesse sentido enfatiza Eliane Garcindo Dayrell (1984), a utilização da oralidade se faz “pela profunda convicção de que na história é preciso deixar falar quem tem direito” (DAYRELL, 1984, p. 11).

Dessa forma, ao utilizarmos a oralidade como fonte documental, ambicionamos resgatar o cotidiano das atividades trabalhistas dos leiteiros, a memória socialmente construída, os aspectos econômicos e culturais estabelecidos no complexo relacionamento entre leiteiro, camponês e a indústria, de maneira que suas memórias puderam corroborar as hipóteses desse projeto.

A primeira, a de que em Goiandira, ao que tudo indica, a atividade do leiteiro parece ter surgido nos primeiros anos da década de 1950, e sua origem está diretamente ligada ao surgimento dos Laticínios Wanda, na referida cidade.

A segunda, a de que a evolução industrial moderna do Brasil, instituiu uma nova divisão territorial do trabalho com segmentos bem definidos para cada região brasileira. Nesse sentido, coube a região Centro-Oeste abrigar o complexo agroindustrial. Esse novo território ao conciliar agricultura e industrialização, provocou a modernização da agricultura, e a expansão da fronteira agrícola. Esses fatos articulados, colaboraram para a reestruturação produtiva da agroindústria laticineira brasileira, regional e local, contribuindo para o desenvolvimento do segundo estágio da atividade do leiteiro.

A terceira hipótese é a de que o leiteiro tradicional estabelece e estabeleceu outras vínculos com o campesinato, na medida em que muitas vezes ele se colocava/coloca como elo entre o campo e a cidade.

O objetivo geral da pesquisa consistiu em analisar e compreender os aspectos que permeiam a construção da memória e trajetória dos trabalhadores transportadores do leite *in natura* (leiteiros tradicionais), no município de Goiandira, Goiás, utilizando registros fotográficos, sonoros e audiovisuais, e documentos pertencentes aos leiteiros.

Os objetivos específicos foram: 1) compreender a evolução industrial moderna do Brasil; 2) analisar a reestruturação da atividade leiteira no Brasil; 3) analisar o surgimento do

laticínio Wanda e a formação da atividade leiteira; 4) compreender o processo histórico de metamorfose na atividade do leiteiro e o aparecimento de um novo tipo de leiteiro, que integra-se ao processo de produção; 5) compreender o papel e a condição de protagonista do leiteiro na intermediação das relações entre o camponês e indústria e como ele contribuiu para submeter o campesinato a uma condição de menor autonomia em relação à indústria; 6) refletir sobre o processo de construção e significação da memória socialmente construída pelos leiteiros tradicionais de Goiandira, analisando as relações sociais estabelecidas entre eles, a indústria e o campesinato.

A pesquisa foi organizada em quatro partes: sendo a introdução, dois capítulos e a conclusão. O primeiro capítulo: O surgimento dos Laticínios Wanda e a formação da atividade do leiteiro, foi subdividido em três partes: a importância do leite; a evolução da pecuária leiteira no Brasil; o surgimento dos Laticínios Wanda e a formação da atividade do leiteiro.

Nesse primeiro capítulo, procuramos discutir sobre a importância do leite na alimentação e na economia, a evolução da pecuária leiteira no Brasil, e por fim o surgimento dos Laticínios Wanda e a formação da atividade do leiteiro, que aparece pela primeira vez em Goiandira nos primeiros anos da década de 1950. Naquele período, o leiteiro era um trabalhador assalariado, contratado pelo próprio laticínio como motorista, com carteira de trabalho assinada, obedecendo às regras trabalhistas da CLT (Consolidação das Leis do Trabalho). Esse trabalhador era chamado de cremeiro pelos próprios produtores e pelo laticínio, visto que, ele percorria uma rota que era chamada de linhas do cremeiro, transportando o creme, um subproduto do leite, utilizado para fabricação da manteiga.

O camponês nessa etapa possuía uma maior autonomia em relação à indústria, uma vez que, ele entregava ao laticínio o creme e ficava com o leite desnatado (soro), que poderia ser utilizado para o consumo familiar, fabricação de derivados, ou para o trato de outros animais (porcos), o que poderia lhe garantir uma renda extra através da venda destes.

Essa forma de relacionamento entre, leiteiro/cremeiro, campesinato e indústria, perdura até meados da década de 1960, quando em virtude da evolução da indústria moderna do Brasil, da modernização da agricultura, e da expansão da fronteira agrícola, surgem outros laticínios na região, como por exemplo o laticínio Teixeira, na vizinha cidade de Cumari, iniciando uma reestruturação no processo de produção da agroindústria laticínea regional, contribuindo para o desenvolvimento do segundo estágio da atividade do leiteiro.

Já o segundo capítulo, “A evolução industrial moderna no Brasil: O novo estágio da atividade do leiteiro, foi subdividido em três partes: a evolução industrial moderna no Brasil; a modernização da agricultura, a frente de expansão agrícola, a reestruturação da agroindústria

láctea e o segundo estágio da atividade do leiteiro; o segundo estágio da atividade do leiteiro: leiteiro, camponês e indústria, uma relação complexa.

Nesse capítulo abordamos a evolução industrial moderna do Brasil, a metamorfose no processo de produção da agroindústria laticínea regional e o surgimento do leiteiro tradicional, que exerce o papel de protagonismo na intermediação da relação entre o camponês e a indústria.

Esse novo leiteiro, o tradicional, constitui-se como um trabalhador autônomo e não mais como um trabalhador contratado formalmente pelo laticínio. Nesse novo formato, ao invés do transportador visitar as propriedades rurais e recolher o creme uma única vez na semana, ele passa agora a visitá-las diariamente, recolhendo o leite todos os dias, percorrendo uma rota que é chamada de “linhas do leiteiro”, exercendo um papel educativo e disciplinador desde a produção até o comércio do leite, atuando como protagonista na intermediação entre a indústria e o camponês, e também colocando-se como elo entre o campo e a cidade, estabelecendo cotidianamente outras relações para além das relações econômicas e mercadológicas.

Contudo, esse novo formato, por sua vez, implicaria numa submissão maior do campesinato à indústria, visto que, o produtor deveria entregar diariamente, praticamente toda sua produção leiteira ao laticínio. Ao passo que, quando ele entregava somente o creme, ele o fazia uma única vez na semana, podendo utilizar o leite desnatado (soro), para o trato de animais, consumo familiar, ou para produção de outros derivados que pudesse lhe trazer um incremento de renda familiar.

Por fim, nas considerações finais, procuramos apresentar o resultado da pesquisa, onde analisamos como se deu o processo de constituição da atividade do leiteiro na cidade de Goiandira na década de 1950, a evolução industrial moderna do Brasil, a reestruturação no processo de produção da agroindústria laticínea, o aparecimento do novo leiteiro e seu papel no processo de submissão do camponês à indústria, e finalmente o seu desaparecimento.

Ao final, esperamos ter colaborado para o ensino e a pesquisa em História, elaborando um trabalho que possa servir como material didático e suporte pedagógico para auxiliar professores de História na ministração de conteúdos que flertem com o tema pesquisado. De forma que o projeto apresentado à coordenação de pós-graduação em história (mestrado) da Universidade Federal de Goiás/ UFCAT, dadas as linhas de pesquisa proposta por este, bem como as preocupações que evidenciamos, permitiram-me situá-lo na linha de pesquisa “História, Sociedade e Práticas Educativas”.

## **CAPÍTULO 1: O SURGIMENTO DOS LATICÍNIOS WANDA E A FORMAÇÃO DA ATIVIDADE DO LEITEIRO**

### **1.1. A Importância do Leite**

O leite é um dos mais antigos alimentos consumidos pela humanidade, e isso ocorre devido aos seus efeitos benéficos para a saúde. O consumo do leite de origem animal pelo homem cresceu muito rapidamente após o desenvolvimento da agricultura e a domesticação dos animais.

O leite é muito produzido em todo o mundo devido ao seu alto valor nutritivo, bem como por ser responsável pela geração de emprego e renda. Do leite se produz também muitos derivados, como iogurte, queijo, requeijão, probióticos, que compõem uma parte importante da indústria alimentícia. O leite extraído da vaca, é o mais utilizado, tanto na alimentação humana, como na indústria laticínea, embora se consuma também leite de cabra, ovelha e outros animais, como búfalo e camelo. O seu processo de extração pode ser manual, ou pode se dar através de ordenha mecânica.

No processo manual, a extração geralmente é executada por um servidor contratado especificamente para essa tarefa, o chamado tirador de leite. O procedimento é bastante simples, embora seja cercado de preparativos e cuidados. A primeira medida a ser tomada pelo tirador de leite, consiste em amarrar a vaca junto a um poste firme, como forma de impedir que ela saia. Em seguida, o tirador procede com a limpeza e lubrificação das glândulas, sentado num banco, o qual é amarrado em sua cintura. Realizado esses preparativos, finalmente inicia-se a sucção do leite, que é feita espremendo-se a teta do animal, num movimento que deve ser executado ininterruptamente, até que se extraia o leite, que é colocado inicialmente num balde localizado abaixo da teta do animal, para depois ser armazenado nos latões, para em seguida ser transportado até o laticínio pelo leiteiro.

Por outro lado, existe um outro método de extração, realizado por meio de uma ordenha mecânica. Esse processo diferencia-se basicamente em dois aspectos da ordenha manual. Em primeiro lugar utiliza-se uma bomba de sucção que extrai o leite a vácuo, gastando-se menos tempo. Em segundo lugar, o leite extraído é levado diretamente ou ao latão, ou aos tanques de resfriamento, para depois ser transportado por caminhões tanque até o laticínio e de lá para o consumidor.

De acordo com a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), “o leite é um dos seis produtos mais importantes da agropecuária brasileira, sendo essencial no

suprimento de alimentos e na geração de emprego e renda para a população em todas as regiões do país” (EMBRAPA, 2016 apud MORAES et al, 2018 p. 1).

## 1.2. A Evolução da Pecuária Leiteira no Brasil

Nesse tópico, procuramos discutir como a evolução da pecuária leiteira e o aumento do consumo do leite, associadas a intervenção do Estado por meio de legislações sanitárias rígidas, contribuíram para o aparecimento das indústrias de beneficiamento lácteo.

No Brasil, a pecuária e o consumo de leite praticamente iniciam-se com a colonização, quando os portugueses trouxeram o gado que servia tanto como alimento, como para auxiliar a produção açucareira, movimentando as moendas de cana dos engenhos entre os séculos XVI e XVII, conforme aponta Medeiros Neto (1970):

Iniciada a colonização lusa, em seguida tratou-se de introduzir no Brasil o gado bovino, visando inicialmente colaborar com a cultura canavieira, grande fonte de riqueza da época, porquanto os bois eram indispensáveis aos engenhos e para a alimentação dos que neles trabalhavam. (MEDEIROS NETO, 1970, p. 46)

Embora a pecuária tenha sido muito importante no processo de colonização, seja movimentando as moendas de cana dos engenhos entre os séculos XVI e XVII, seja na alimentação, seja colaborando com a mineração e interiorização do Brasil no século XVIII, ainda assim, ela era considerada uma atividade secundária, conforme observa o historiador Caio Prado Júnior (1976):

Neste setor da subsistência também entra a pecuária, ela também se destina a satisfazer as necessidades alimentares da população. A carne de vaca será um dos gêneros fundamentais do consumo colonial. Mas a pecuária apesar da importância relativa que atinge e o grande papel que representa na colonização e ocupação de novos territórios, é assim mesmo uma atividade nitidamente secundária e acessória. [...] O seu lugar será sempre de segundo plano, subordinando-se as atividades principais da grande lavoura, e sofrendo-lhe de perto todas as contingências. (PRADO JÚNIOR, 1976, p. 44)

Porém, na segunda metade do século XIX, mais especificamente a partir de 1870, devido a decadência da cafeicultura na região do Vale do Paraíba, a pecuária leiteira se apresenta como uma nova atividade para os cafeicultores, conforme enfatiza Santos (2004):

No tocante ao Vale do Paraíba, região que se constituiu na principal área produtora de café no Brasil na segunda metade do século XIX, esta teve seus solos esgotados e o café gradativamente deixou de ser cultivado, uma vez que havia novas terras a serem ocupadas com esta lavoura no interior de São Paulo. Esta região aos poucos foi ocupada pelos fazendeiros mineiros, uma vez que

o Sul de Minas não tinha mais condições de atender à grande demanda de produtos lácteos de cidades como o Rio de Janeiro e São Paulo. Aos poucos o Vale do Paraíba foi conquistando uma posição de destaque na produção de leite no Brasil, posição esta que ainda é ocupada pelo Vale do Paraíba paulista até os dias atuais. (SANTOS, 2004, p. 53)

Mas é no início do século XX, com o advento da República, que a pecuária leiteira caminha para a consolidação através da intervenção do Estado. Nesse sentido, em dezembro de 1906 é criado o Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio a partir do desmembramento do Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas. Em 1909, foi criada a Diretoria de Indústria Animal focada no progresso da pecuária. Essa diretoria atuou na realização de estudos sobre criação de animais, melhoramento de raças e sobre modernos processos da indústria de laticínios.

Mais tarde em 1910 foi criado o Serviço de Veterinária com o objetivo de proporcionar a fiscalização sanitária do gado. Ainda em 1910 organizou-se o ensino agrônômico com a criação da Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária, escolas médias ou teórico-práticas, aprendizados agrícolas, escolas permanentes de laticínios entre outras.

A partir de 1930 houve outras transformações no Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, que teve seu nome mudado para Ministério da Agricultura após a criação do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio.

Em 1952 é assinado pelo então presidente da República, Getúlio Vargas, o decreto que aprovava o Regulamento da Inspeção Industrial e Sanitária de Produtos de Origem Animal (Rispoa). Ele pode ser considerado um divisor de águas da organização da produção leiteira.

Era um acontecimento de grande importância histórica, pois tratava-se do primeiro código higiênico sanitário do Brasil, que estabelecia um prazo de 180 dias para que as indústrias de produtos de origem animal (carne, leite, ovos, pescado, mel e seus derivados) se adequasse a ele.

O Rispoa expunha, em seu primeiro artigo, que “O presente Regulamento estatui as normas que regulam, em todo o território nacional, a inspeção industrial e sanitária de produtos de origem animal.” (BRASIL, 1952, p. 10.785)

No segundo artigo, definia quais produtos estavam sujeitos ao regulamento: “Ficam sujeitos a inspeção e reinspeção previstas neste Regulamento os animais de açougue, a caça, o pescado, o leite, o ovo, o mel e a cêra de abelhas e seus produtos o subprodutos derivados”. (BRASIL, 1952, p. 10.785)

Ao longo dos anos o antigo Rispoa teve muitas modificações. Em 2007 o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento iniciou uma nova revisão no documento que só foi

finalizado em 2010 e enviado a apreciação da Casa Civil da Presidência da República. Ainda em 2010 ele voltou da Casa Civil e passou por novas modificações que só foram finalizadas em 2017 com a publicação do decreto 9.013, de 29 de março de 2017, que definiu o novo Regulamento da Inspeção Industrial e Sanitária de Produtos de Origem Animal.

Todo esse conjunto de medidas com regras e normas sanitárias mais rígidas expedidas e controladas pelo Estado, associadas a proibição do comércio direto entre o produtor e o consumidor, deficiências das estradas, dificuldades de transporte e conservação do leite, provocaram significativas modificações na organização produtiva da agroindústria láctea.

A consequência mais geral foi o aprofundamento da regionalização produtiva, fazendo surgir empreendimentos de beneficiamento lácteo de atuação regional. Essas novas empresas contribuíram para o aparecimento do leiteiro, o responsável por transportar a matéria prima do campo para a indústria. Coube a esse leiteiro, o papel de intermediador da relação entre o camponês e a indústria. Em Goiandira, sua constituição se dá com o aparecimento dos Laticínios Wanda, uma indústria especializada na produção de manteiga, um produto lácteo.

### **1.3. O Surgimento do Laticínio Wanda e a Formação da Atividade do Leiteiro**

Nesse tópico, procuramos discutir o surgimento dos Laticínios Wanda em Goiandira, uma cidade localizada na região Sudeste do Estado de Goiás, a 250 km da capital, Goiânia, e sua relação com a formação da atividade do leiteiro na referida cidade.

Desde a revolução neolítica, até os dias atuais, um dos grandes desafios para se garantir o acesso ao leite e seus derivados, aos mais longínquos lugares e, às mais variadas camadas sociais, diz respeito ao transporte e a sua conservação.

Durante a Antiguidade e a Idade Média, conciliar conservação e transporte do leite eram tarefas complexas, visto que o leite é um alimento de origem rural e altamente perecível. Vale ressaltar que nesse período a população da Europa era quase que totalmente rural, e ainda não haviam sido criados os laticínios para comprar, processar e prolongar a conservação do leite facilitando sua comercialização.

Nesse sentido, uma das estratégias era produzir apenas para sua subsistência e consumi-lo fresco, conservando assim seus nutrientes, ou transformá-lo em queijo, facilitando assim o seu transporte em lombos de animais e sua comercialização, principalmente após o surgimento das feiras e mercados nos séculos XIV e XV, incrementando sua renda.

Porém, na Idade moderna, a partir da segunda metade do século XVIII, teve início na Inglaterra um processo de grandes transformações socioeconômicas que ficou conhecido como

Revolução Industrial e que logo se espalhou pela Europa, Estados Unidos e Japão, entre meados do século XIX e a primeira metade do século XX.

Entre as consequências da Revolução Industrial, podemos destacar a introdução de novas tecnologias e maquinários, iniciando um processo de industrialização de alguns países. Foi nesse contexto que surgiu o laticínio, um novo tipo de indústria que utilizando a refrigeração e a pasteurização conseguiu prolongar a conservação do leite, favorecendo seu transporte e sua comercialização.

O aparecimento do laticínio incentivou o produtor a aumentar o seu rebanho, ampliar a produção leiteira e vendê-la à indústria, incrementando assim a sua renda. Inicialmente esse leite foi transportado para a nascente indústria pelo próprio produtor. Porém, com o crescimento das cidades, provocado pela Revolução Industrial que necessitava de mão de obra nas indústrias, houve também um aumento da demanda por leite a ser entregue nas portas das novas residências. Essa novo cenário exigiu do produtor o aumento da produção e do volume de leite transportado, que agora seria entregue tanto na indústria, como nas residências.

Diante dessa nova realidade, e associado a uma séries de exigências técnicas e sanitárias impostas pela indústria para o transporte do leite, o produtor passa a se dedicar à produção, e deixa a entrega de leite no laticínio e nas residências a cargo de outros trabalhadores. Nascia, então o transportador de leite ou derivados. Estes passaram a ser chamados de leiteiros pelos próprios produtores e pelo laticínio.

No Brasil, o consumo de leite praticamente inicia-se com a colonização, e juntamente com ele a preocupação com o transporte, a sua conservação e de seus nutrientes. Até o começo do século XX não havia procedimento industrial para garantir e prolongar a conservação do leite ingerido pela população. Uma das formas utilizadas inicialmente para se conservar os nutrientes do leite e facilitar seu transporte para os mercados consumidores era produzir queijo artesanais.

Porém, no final do século XIX, mais precisamente em 1888, surge a primeira fábrica de laticínios no Brasil, na Serra da Mantiqueira em Minas Gerais produzindo queijo. A partir daí houve o surgimento de outras fábricas em outros estados. Essas primeiras fábricas não exigiam muita tecnologia e grande produção, o que favorecia sua adequação nos locais onde elas se instalavam. Em 1918 aparece a primeira fábrica de leite em pó no país.

Na década de 1920 surgem as primeiras agroindústrias de beneficiamento do leite, que passaram a tratar e pasteurizar o leite, engarrafando-o em embalagens de vidro retornáveis, facilitando assim o seu transporte. Essas unidades se localizavam principalmente nos grandes centros consumidores.

Entre as décadas de 1930 e 1940 há uma ampliação das indústrias de beneficiamento lácteo no país, processo que se intensifica na década de 1950, coincidindo com o avanço da regulação sanitária estatal por meio da edição do decreto nº. 30.691, de 29 de março de 1952, que instituiu a Rispoa, e com a política desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek.

Na década de 1950, com o Plano de Metas de Juscelino Kubitschek e a internalização da indústria de bens de capital no País, houve intensificação de investimentos no segmento de beneficiamento lácteo. Sob a ótica de Paulillo e Alves (2002), as bacias produtivas foram inseridas na dinâmica de um complexo agroindustrial lácteo nacional, pautadas nas relações produtivas a montante e a jusante (basicamente relações de compra e venda), o que acirrou a concorrência entre as empresas de beneficiamento.

É exatamente nesse contexto que surge nos primeiros anos da década de 1950 em Goiandira, os Laticínios Wanda. O nome Wanda era uma referência a uma das filhas do proprietário do laticínio, o senhor Idelfonso Teles. Essa empresa atuou no município por mais de duas décadas e se especializou na produção e comercialização de manteiga, um produto feito a partir do creme, um sub produto do leite. O resgate da história dos Laticínios Wanda foi feita a partir de uma entrevista concedida pelo senhor João Batista Teles, único trabalhador do laticínio ainda vivo, que passaremos a analisar.

Quando eu entrei lá, já tinha sido construído. Ele deve ter sido construído em... 1951 ou 1952, talvez. Eu não sei a data. Funcionava aqui, onde é o hotel. Já tinha ele! Eu entrei em cinquenta e três, 1953 eu entrei. Dezembro de 1953, eu vim para cá e entrei lá. Eu fazia de tudo! Eu lavava latão. Eu fazia... Quando eu entrei, entrei como picador de lenha, porque na caldeira queimava bem, mas era meio curta, ali dentro não dava, tinha que passar no meio. Então eu entrei picando lenha. Quando eu passei para dentro, aí já foi para despejar creme. Fui ajudar lá a enlatar manteiga, depois eu passei para o laboratório. Foi mais isso. Isso foi mais ou menos em 1957, 1956, 1957, que eu já trabalhava no laboratório. Tinha uma firma registrada...o laticínio. Indústria Laticínio Wanda Limitada. (TELES, 2019, p. 1 – 2)

João Teles ao falar sobre o laticínio, descreve uma estrutura física e organizacional que apontam para uma unidade modesta, sem grandes equipamentos e recursos tecnológicos, como era o caso da caldeira movida a lenha, que produzia água quente para lavar os latões, e a bateadeira de manteiga com marchas, ambos operados manualmente pelo trabalhador.

Não era muito diferente não, os de hoje tem mais tecnologia, funcionava na caldeira. Você já viu caldeira de... esses caldeirões grandes? Um 'trem' grosso, assim. Tem as torneiras e tudo, que entrava, punha fogo dentro da água... Então, ali era para lavar. Água quente para lavar latão. Agora lá dentro, tinha a bateadeira de manteiga. Bateadeira arriada ao motor. Tinha as alavancas de fazer a marcha, elas tinham duas, três marchas, a máquina lá, bateadeira. Você punha uma marcha para bater, punha uma para lavar e outra para secar,

secar a manteiga. (TELES, 2019, p. 4 – 5)

A característica modesta do laticínio Wanda pode ser confirmada ao se observar uma foto que mostra um cômodo do estabelecimento e um equipamento, provavelmente uma balança que aparece logo abaixo.

Ilustração 1. Foto interna dos Laticínios Wanda: Do lado esquerdo o funcionário José Gregório e do lado direito o proprietário da fábrica, Ildefonso Teles, e no meio uma balança.



**Fonte:** acervo do autor, 2020.

De acordo com Teles, a fabricação da manteiga passava por diversas etapas que iam desde a captação da matéria prima (creme) nas propriedades rurais, até a verificação das características e da qualidade da manteiga. O procedimento de fiscalização sanitária era realizado por um fiscal do Estado, que, com base no regulamento de inspeção industrial e sanitária, Rispoa, atestava e finalmente a liberava para que pudesse ser comercializada. O que demonstra a intervenção e a regulação do Estado nas atividades agroindustriais.

Esses aspectos, associados a análise de duas carteiras de trabalho de trabalhadores que atuaram na empresa, não deixam dúvidas de que se tratava de um empreendimento de beneficiamento lácteo especializado na fabricação de manteiga.

Nesse mesmo trecho da entrevista, ao falar sobre o processo de fabricação da manteiga,

Teles parece carregar consigo a memória da vigilância a qual ele estava submetido. Sua fala sinaliza para as relações de poder que se estabeleciam no interior da fábrica a partir da presença do fiscal.

É! Todo creme que vinha da roça era analisado, a manteiga era analisada... Fazia manteiga. No início, eu não analisava ela, vinha o fiscal, tinha o fiscal, vinha, pegava a amostra, e levava para fazer a análise da manteiga. O fiscal ele vinha e pegava amostra da manteiga para levar, e olhava acidez, água, sal, gordura. Olhava! Depois põe o aparelho aqui, a balancinha, para fazer essa análise. Eu fiz muita, hoje eu não sei mais o que é o tipo. Nós tínhamos pesos lá que, eu vou te falar, para essa alça aqui, ó, é bem mais grossa do que os pesos que tinham lá, possivelmente 'nas argolinhas, sabe, desse tipo aqui só. (TELES, 2019, p. 6)

Aqui é possível percebemos que todo o processo de produção era acompanhado, inspecionado e submetido as normas sanitárias que passaram a ser cada vez mais rígidas, expedidas e controladas pelo Estado.

Do jeito que punha, por exemplo, a manteiga, você ia fazer uma análise da manteiga, tinha um copinho, você punha o éter dentro do copo... Punha fogo, derretia a manteiga dentro do copo. Depois da manteiga derretida, ele punha o éter dentro da manteiga para você achar o sal, porque o éter desaparecia na manteiga. Você derrete a manteiga e põe o éter nela para você ver. É, derrete. Derrete ela, fica meio aquosa. Você põe o éter, despeja o éter, a gordura desaparece e fica só o sal. Só o sal. Então depois de o éter destruir a manteiga, a gordura, aquele sal, você vai pesar ele para ver, para você achar a densidade dele na manteiga. A quantidade dele. O sal, o sal na manteiga era dois, dois por cento, um e meio, dois por cento, então se passar ficava salgado, ou as vezes se diminuísse, ficava sem sal. Então tinha que manter aquele padrão. Eu fazia esse serviço. Ainda tinha outra coisa, tinha de fazer, analisar o creme, eu vinha, chegava da roça, eu que tinha que fazer o creme, fazer a análise... Pesar, fazer análise, tirar o latão. (TELES, 2019, p. 6 – 8)

Ainda de acordo com o relato do senhor João Teles, observa-se que havia uma divisão do trabalho, na qual, além das funções que eram desempenhadas pelas máquinas, havia a contratação de trabalhadores para executarem funções bem específicas na empresa. Teles relembra os companheiros de trabalho que fizeram parte da empresa. Esse provavelmente é o seu grupo de referência, com quem ele estabeleceu relações, e com os quais ele se identifica e confunde seu passado.

Tinha...deviam ser uns quatro ou cinco que trabalhavam, e nós, depois que eu entrei, ficamos, trabalhamos lá, eu o Binha, Zé Chico, Bila esse Eurípedes Albuquerque trabalhava já, trabalhava depois ele mudou... passou para o armazém lá embaixo, sabe, e eu fiquei no lugar dele no laboratório, e eram esses companheiros que trabalharam lá. Onde fazia a nata, fazia a nata de creme. (TELES, 2019, p. 5)

Essa divisão do trabalho também pode ser comprovada ao se analisar a carteira de

trabalho de um ex-servidor do laticínio, já falecido, que foi disponibilizada por seus familiares. Trata-se do senhor José Gregório, popularmente conhecido pelo apelido de ‘Zé Chico’, que na época foi contratado para exercer a função de fogueiro.

A matéria prima utilizada para a fabricação da manteiga era o creme, um subproduto do leite, produzido por camponeses residentes nas propriedades rurais localizadas no município de Goiandira, obtido a partir do desnatamento manual do leite.

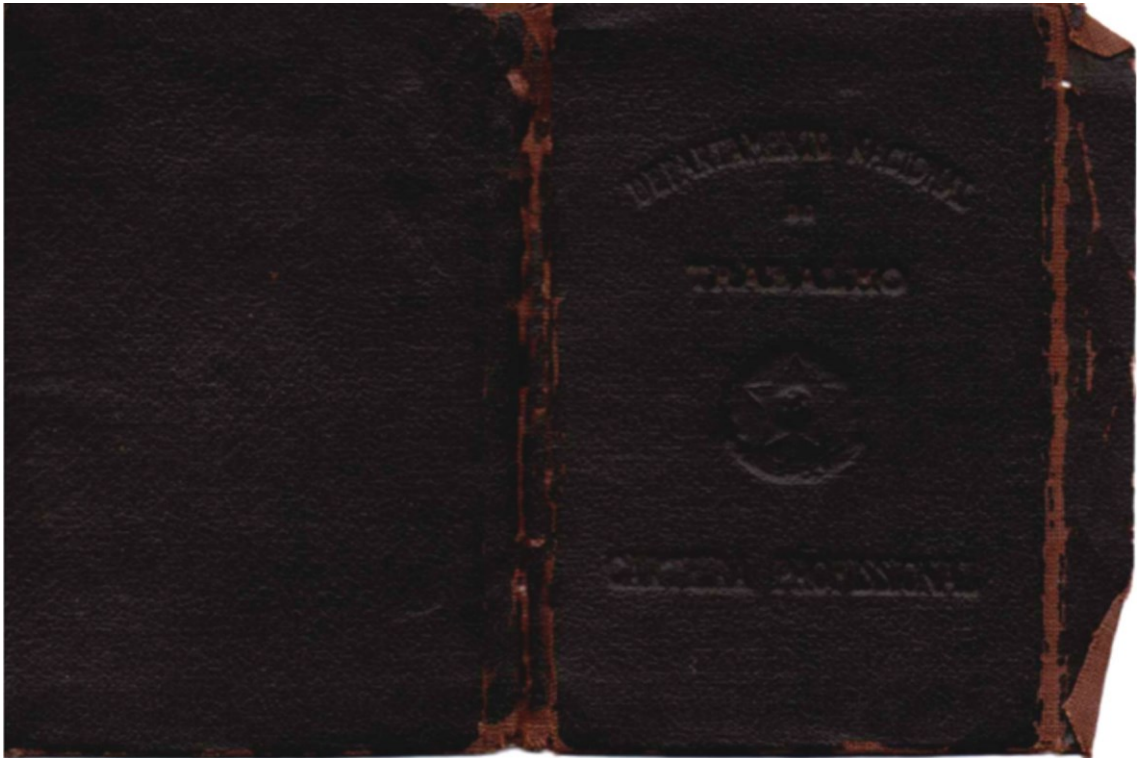
O que se percebe é que, a partir do surgimento dos Laticínios Wanda, inicia-se uma nova e complexa relação entre o campo, a cidade, o transportador, o produtor rural e a indústria nascente. Trata-se de uma relação comercial capitalista de subordinação, estabelecida entre o camponês e a indústria laticineira.

Tal relação reflete uma subordinação do camponês em relação a indústria laticineira, na medida em que o produtor se integra ao processo de produção, arcando com despesas que vão desde a aquisição e trato das vacas, aquisição e operação da desnatadeira, até se chegar a produção do creme que é captado pela indústria e utilizado como matéria prima para a produção da única mercadoria comercializada pela empresa, a manteiga.

Ao se analisar o trabalho do camponês na produção do creme, observa-se também que ocorre a subordinação formal do trabalho ao capital, à medida que o produtor rural sendo dono dos meios de produção, tais como a propriedade, animais e equipamentos, tem seu produto submetido no momento em que ele se constitui em mercadoria.

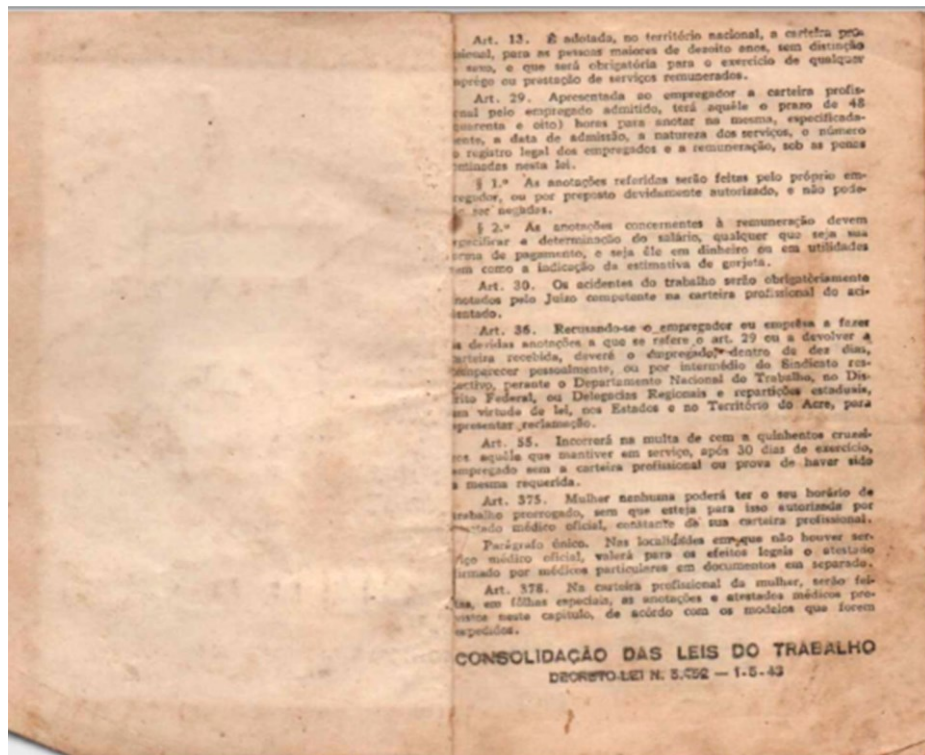
Não buscava o leite. Nessa época ninguém bebia leite não. O fazendeiro desnatava e fazia o creme, uai...mandava o creme. O soro ficava lá na roça para ele tratar de porco. ... os fazendeiros tiravam lá era cinquenta, sessenta, cem litros de leite. Então ele vinha desnatado deles. Você já viu desnatadeira? A desnatadeira aqui quem tem... deixa eu ver quem tem a desnatadeira que pode te mostrar.... não sei se tem a do pai dele ainda, mas capaz de não ter não. A desnatadeira é uma, é uma maquinazinha pequena, quase do tamanho de um moinho de café, sabe? Mas ela é mais.... é, mas ela é bem maior. Então ela tem o apoio em cima aonde você põe a bacia. A bacia é uma, é um bojo assim, com uma torneira. A torneira cai dentro da desnatadeira, tem o pião, tem o pião com os pratinhos, dentro tem um punhado de peças, eu não vou te explicar porque assim você não vai entender. Então, ela tinha... Aí você vai tocando a desnatadeira, você abre a torneira da bacia em cima, ela então já em cima do aparelho. Então você vai tocando. Na bacia você põe o leite nela. Vai caindo o leite, você vai tocando a desnatadeira, o creme cai na vasilha lá. Separa o creme do soro. Sai pouca coisa, não sai muito grosso não. Agora tem a diferença, sim. Se você toca devagar, o creme sai ralo. Quanto mais depressa você tocar, mais grosso sai o creme, porque o creme, a média do creme, é de dezoito para cima, dezoito graus de gordura. Aí vai dezoito, vinte cinco, quarenta, cinquenta até sessenta e cinco graus. Sessenta e cinco contos que eles falam. É a nata, o creme é a mesma coisa que você pegar um litro de leite, deixar ele guardado na geladeira, fica aquela nata? Aquilo lá é gordura, ela é o creme do leite. É o que sai na desnatadeira. Aquilo que é o creme que sai na desnatadeira. (TELES, 2019, p. 9 – 11).

Ilustração 2. Carteira de Trabalho do Senhor José Gregório (Capa)



Fonte: acervo do autor, 2020.

Ilustração 3. Carteira de Trabalho do Senhor José Gregório (Interior)



Fonte: acervo do autor, 2020.

Ilustração 4. Carteira de Trabalho do Senhor José Gregório (Interior)



Fonte: acervo do autor, 2020.

Ilustração 5. Carteira de Trabalho do Senhor José Gregório (Interior)

BENEFICIÁRIOS			CONTRATO DE TRABALHO	
Pessoas que dependem economicamente:				
NOVE	Data do nascimento	Estado Civil		
			Nome do estabelecimento, empresa ou instituição IND. e	
			COMÉRCIO LATICÍNIOS	
			WANDA LTDA.	
			Cidade GOIANDIRA	
			Estado GOIÁS	
			Rua SETS de MAIO	
			n.º 9	
			Espécie do estabelecimento FABR. DE MANTEIGAS	
			Natureza do cargo FOQUISTA	
			Data da admissão 4 de JAN de 1956	
			Registro n.º 1 a fls. 2	
			Remuneração (especificada) 1.300.00	
			HUM MIL E TREZENTOS	
			CRUZEIROS MENSUAIS LTDA	
			Data da saída 30 de 04 de 1958	

CARTEIRAS ANTERIORES		
Número	Série	Data de entrega

Fonte: acervo do autor, 2020.

Por outro lado, percebe-se um certo grau de autonomia do produtor em relação à indústria, na medida em que ele entregava o creme e ficava com o leite desnatado (soro), que era utilizado por exemplo, na alimentação dos porcos, incrementando sua renda, conforme observa Teles: “Não buscava o leite. Nessa época ninguém bebia leite não. O fazendeiro desnatava e fazia o creme, uai...mandava o creme. O soro ficava lá na roça para ele tratar de porco.” (TELES, 2019, p. 9)

Um outro aspecto que chama a atenção nessa relação campesinato e indústria é o fato dos Laticínios Wanda ser uma empresa de beneficiamento lácteo de atuação regional. A empresa combinava a estratégia de coleta do creme nas propriedades rurais de Goiandira através da criação de uma rota seguida pelo transportador. Igualmente ela articulou a expansão da captação da matéria prima nas cidades vizinhas de Cumari e Nova Aurora.

O que se constata é que os Laticínios Wanda insere-se dentro de uma nova etapa da industrialização brasileira e da agroindústria laticineira, cuja característica é a regionalização produtiva. Essa forma de organização e atuação reforçava os laços de dependência e subordinação do produtor para com a indústria, uma vez que não tinham outra opção de comercialização do seu produto com outra empresa laticineira, conforme relatado por Teles:

O creme vinha das fazendas do entorno, Vinha de Cumari, vinha, buscava na roça por todo lado. Antes de ter lá em Nova Aurora o laticínio, o Idunvalvo comprava o creme lá de Nova Aurora. Quando ele se mudou para lá, não tinha o laticínio, aí ele comprava o creme da região lá e mandava para o velho, o velho Teles. Mudou para lá. Aí comprava muito creme da região da Nova Aurora e mandava para o Idelfonso. (TELES, 2019, p. 8 – 9)

Uma outra questão que me parece central a ser analisada no surgimento dos Laticínios Wanda, refere-se ao aparecimento e o papel exercido pelo transportador da matéria-prima (creme) utilizada para a fabricação de manteiga. Ao que tudo indica, esse transportador dá início ao primeiro estágio da atividade do leiteiro, que é quando esses trabalhadores são chamados de “cremeiros” pelos próprios produtores e pelo laticínio, tendo em vista que percorriam uma rota que era chamada de linhas do cremeiro transportando o creme.

Esse transportador era o responsável por recolher semanalmente a matéria-prima (creme) produzida nas propriedades rurais e levá-la para a indústria para ser beneficiada. Nesse sentido, ele se constituiu como o intermediador da complexa relação entre o camponês e a indústria colaborando para uma subordinação do primeiro em relação ao segundo.

Conforme relatado por João Teles, naquele período, o leiteiro/cremeiro, era um trabalhador contratado pelo próprio laticínio como motorista, e buscava o creme nas propriedades rurais e o transportava até a indústria em um veículo (caminhão), que era de

propriedade do laticínio, apenas uma vez na semana.

Mandava de caminhão. Quem ia lá buscar, tinha um... o Zé da Binha mesmo era um que trazia. Tinha o Zé Davi, tinha... Deixe eu ver se eu lembro, eu não me lembro, só o nome do outro... um, caminhãozinho meio seco, fez força... 'trem' velho. Tinha vez que vinham três grades de latão. Era muito 'trem. (TELES, 2019, p. 9)

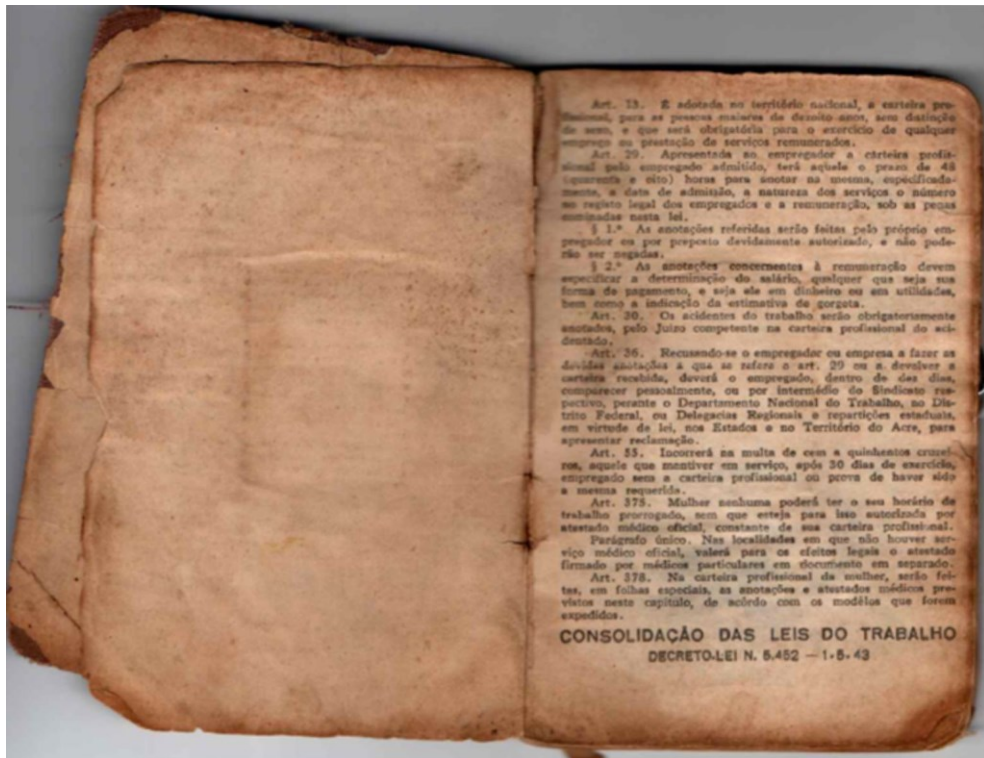
Tal fato pode ser comprovado ao se analisar a carteira de trabalho de um ex- funcionário do laticínio, já falecido, e que nos foi fornecida pelos familiares, conforme imagem a seguir. Trata-se da carteira de trabalho do senhor Joaquim de Macedo, o popular Binha, que era exatamente um dos motoristas do laticínio Wanda (Ilustrações 6 a 10).

Ilustração 6. Carteira de Trabalho do Senhor Joaquim de Macedo (Capa)



**Fonte:** acervo do autor, 2020.

Ilustração 7. Carteira de Trabalho do Senhor Joaquim de Macedo (Interior)



Fonte: acervo do autor, 2020.

Ilustração 8. Carteira de Trabalho do Senhor Joaquim de Macedo (Interior)



Fonte: acervo do autor, 2020.

Ilustração 9. Carteira de Trabalho do Senhor Joaquim de Macedo (Interior)



Fonte: acervo do autor, 2020.

Ilustração 10. Carteira de Trabalho do Senhor Joaquim de Macedo (Interior)



Fonte: acervo do autor, 2020.

Contudo, não foi possível identificar se o salário do transportador era pago a partir de descontos mensais realizados no pagamento feito aos produtores por quantitativo de creme recolhido, cobrados como frete, refletindo também um processo de subordinação do produtor ao laticínio.

Um fato que chama a atenção no início do processo de formação da atividade do leiteiro, é que embora ele fosse o intermediador da relação entre o camponês e a indústria, de acordo com a fala de João Teles, ele não parecia exercer um papel educativo e disciplinador sobre o produtor e a produção do creme no que se refere a observância de cuidados com questões sanitárias, higienização pessoal, ou das dependências, ou dos utensílios.

Nesse sentido foi inclusive relatado pelo entrevistado que, em algumas ocasiões ele chegou a achar lixo no creme recém chegado da propriedade. Ao que tudo indica esse papel era exercido pelo Estado, por meio da atuação de um fiscal nas dependências da indústria. “Então despejava, o creme vinha da roça, o creme que vinha da roça – tinha até lixo no creme na época, que fazendeiro deixa latão destampado.” (TELES, 2019, p. 12)

Não foi possível identificar, pelo menos nesse primeiro momento, quais foram as dificuldades enfrentadas pelo transportador desse período, e nem se houve outros vínculos entre ele e o campesinato, tendo em vista que não encontramos nenhum dessa geração vivo, e nem registros documentais da empresa Wanda ou de algum transportador em poder dos familiares que ainda são vivos que pudesse revelar algo nesse sentido.

Esse primeiro estágio da atividade do leiteiro/cremeiro e da sua relação com a indústria e o camponês, praticamente chega ao fim nos primeiros anos da década de 1970, quando os Laticínios Wanda entra em processo de falência e fecha. Inaugura-se um novo ciclo, onde o produtor agora passa a vender o leite e não mais o creme. Ao que tudo indica, os Laticínios Wanda não possuía condição tecnológica de receber e processar o leite, conforme relatado por João Teles:

1972, 1973, ele deu uma parte de... Quebrado, sabe? É mais ou menos isso, eu não me lembro, não sei a data certa. Eu sei que na época ele tava ‘pitimbado’, ganhando dinheiro emprestado com os outros, e nós, nós... já tinha fechado a fábrica. Aí o povo começou a vender foi leite, e leite você não recebia, porque não tinha condição, não tinha. Fazia nada com leite aí ainda. Isso foi 1972, 1973, por aí assim. Aí nós íamos para lá, limpávamos lá e ficávamos lá o dia inteiro quieto. Não fazíamos nada. (TELES, 2019, p. 15)

A conclusão que chegamos ao final do primeiro capítulo, é que a falência dos Laticínios Wanda, e o aparecimento de um novo ciclo, onde o produtor começa a vender leite e não mais creme, é um processo histórico que inicia-se ainda em meados da década de 1960 e finda-se nos primeiros anos da década de 1970.

Esse processo, ao que tudo indica, estaria associado a evolução industrial moderna no Brasil e a nova divisão territorial do trabalho, que dividiu o espaço brasileiro em quatro grandes regiões. Nesse sentido, coube a região Centro-Oeste abrigar o complexo agroindustrial que, conciliando agricultura e industrialização, promoveram a modernização da agricultura e a expansão da fronteira agrícola, colaborando para o crescimento da atividade leiteira.

Esse novo cenário trouxe impactos sobre a agroindústria láctea brasileira, cujo efeito mais imediato foi o aprofundamento da regionalização produtiva. Essa reestruturação da agroindústria láctea, contribuiu para o surgimento de novos empreendimentos de beneficiamento lácteos, mais modernos e que passaram a atuar na captação de leite *in natura*.

Essas novas empresas contribuíram para o aparecimento do segundo estágio da atividade do leiteiro. Esse novo leiteiro será o responsável por transportar leite *in natura* e não mais creme do campo para a indústria e exercerá o papel de protagonista na intermediação da relação entre o camponês e a indústria, conforme veremos no capítulo 2.

## **CAPÍTULO 2: A EVOLUÇÃO DA INDÚSTRIA MODERNA NO BRASIL E O APARECIMENTO DO SEGUNDO ESTÁGIO DA ATIVIDADE DO LEITEIRO**

### **2.1. A Evolução da Indústria Moderna no Brasil**

A evolução da indústria moderna no Brasil teve início nas décadas finais do século XIX e passou por quatro períodos ou fases distintas. Esse processo histórico produziu ao longo do tempo mudanças no espaço brasileiro e diferentes formas de divisão territorial do trabalho.

A primeira fase vai de aproximadamente 1880 a 1920 e podemos defini-lo como sendo um momento de transição de uma economia agrária exportadora para uma economia industrial. Vários fatores de ordem interna e externa cooperaram para essa mudança. Entre os fatores externos podemos destacar a Guerra de Secessão nos Estados Unidos, a Guerra do Paraguai e a Primeira Guerra Mundial.

Na década de 1860, a Guerra de Secessão americana foi um dos fatores externos que colaboraram para a evolução do processo de industrialização no Brasil, na medida em que os Estados Unidos diminuíram o volume de suas exportações de algodão para o país. O fato acabou incentivando o renascimento da indústria têxtil de algodão no Brasil.

A Guerra do Paraguai foi outro fator externo que também colaborou com o processo de industrialização, seja pela alta inflacionária, seja pela política de taxaço das importações.

Um outro fator externo que ajuda a compreender o surto industrial no Brasil, foi a Primeira Guerra Mundial, ocorrida entre os anos de 1914 e 1918. Travada na Europa, ela produziu prosperidade e riqueza para a América Latina, visto que os países em conflito adquiriam praticamente tudo o que pudéssemos vender, pois suas indústrias dedicavam-se à produção de materiais bélicos.

A Primeira Guerra Mundial também, praticamente eliminou a possibilidade do Brasil importar manufaturados, o que fez com que o Brasil através da substituição de produtos importados por nacionais experimentasse um maior crescimento da indústria nesse período,

No plano interno, o primeiro período da evolução indústria moderna no Brasil coincide praticamente com o fim do Segundo Reinado e o início da chamada República Velha. Um período marcado por uma série de mudanças socioeconômicas e políticas produzidas pelo desenvolvimento da lavoura cafeeira na região Sudeste e pela implantação da República, constituindo a base da industrialização contemporânea.

Ainda durante o Segundo Reinado, que vai de 1840 a 1889, a nossa economia era essencialmente agrária, exportadora, escravista e consumíamos produtos industrializados

vindos sobretudo da Inglaterra, visto que os produtos ingleses possuíam tarifas alfandegárias preferenciais desde a vinda da família real para o Brasil em 1808.

Esse panorama começou a se alterar em razão das transformações socioeconômicas produzidas pela lavoura cafeeira no Sudeste do país, da criação da tarifa Alves Branco em 1844 e da aprovação da Lei Eusébio de Queiros em 1850 que extinguiu o tráfico negreiro. Esse conjunto de fatores contribuiu para o início do surto industrial.

A tarifa Alves Branco colaborou para o surto industrial, na medida em que elevou as tarifas alfandegárias para produtos importados e eliminou as taxas preferenciais para produtos importados ingleses, tarifas essas adotadas desde 1810 por conta da vinda da família real para o Brasil.

A medida na verdade tinha como objetivo aumentar a arrecadação para o combalido tesouro nacional, mas acabou por colaborar com o desenvolvimento de algumas indústrias nacionais. A tarifa durou até 1857, quando se reduziu o percentual sobre matérias-primas estrangeiras para 5%.

Em 1850, diante da pressão da Inglaterra, foi promulgada no Brasil a lei Eusébio de Queiros que pôs fim ao tráfico negreiro. A abolição do tráfico negreiro representou um problema para o desenvolvimento da lavoura cafeeira, na medida em que gerou escassez de mão-de-obra, problema. O problema foi resolvido com a contratação de imigrantes para trabalharem no sistema de parceria, que acabou fracassando vindo a ser substituído pelo trabalho assalariado.

Por outro lado, com o fim do tráfico negreiro, o dinheiro até então utilizado no comércio de escravos passou a ser utilizado na organização da produção de maneira mais empresarial, com a utilização de melhoramentos técnicos e introdução do trabalho assalariado. Os barões do café do Oeste paulista também investiram na abertura de novas indústrias.

Entre 1880 e 1895 há um novo surto industrial, favorecido em especial pelo desenvolvimento das ferrovias.

Logo no início da República Velha foram adotadas uma série de medidas estimulando a industrialização como por exemplo o aumento das tarifas alfandegárias sobre produtos estrangeiros, e a política do encilhamento, que apesar de ter gerado grande inflação, foi responsável pelo surgimento de muitos estabelecimentos industriais na medida em que concedia crédito popular.

Apesar dos dados apontarem avanços do processo de industrialização, o que se observa é a dificuldade da indústria se firmar por conta de um conjunto de fatores.

Esse surto por sua vez se constituiu de indústrias de bens de consumo não duráveis espalhadas pelos Estados brasileiros, o que dinamizou o mercado interno, criando uma nova divisão territorial do trabalho entre campo e cidade.

Resumindo, nesse primeiro período observamos uma espécie de surto industrial, ocasionado pelos capitais acumulados com a atividade cafeeira, pela conjuntura internacional. Notadamente a Primeira Guerra Mundial e ainda que timidamente por conta de políticas do Estado Brasileiro, que até então era controlado pela aristocracia agrária que na sua maioria não tinha interesse na implementação de uma política industrial para o país.

A segunda fase se situa entre 1920 e 1950 é marcado pelo aumento no número de indústria, porém reunidas na região Sudeste.

Nesse período a indústria brasileira era basicamente de bens de consumo não duráveis, (tecidos, chapéus, alimentos, bebidas, vidros, móveis, sapatos, cigarros, couros, etc.), visto que exigia menos capital, em virtude da baixa concorrência da Europa que convivia ainda com os efeitos da Primeira Guerra Mundial. E também porque não havia aqui tecnologia disponível, devíamos importar para produzir aqui, fenômeno que se denominou de substituição de importações.

Uma outra característica marcante desse período foi a concentração das nossas indústrias no Sudeste, onde São Paulo respondia por quase metade dos produtos produzidos pela indústria, conforme se pode observar na Tabela 1.

Tabela 1. Concentração de indústrias por Estado.

Regiões	Concentração		
	1907	1919	1939
São Paulo	15,9	31,5	45,4
Guanabara (sic)	30,2	20,8	17,0
Rio de Janeiro	7,6	7,4	5,0
Minas Gerais	4,4	5,6	6,5
Rio Grande do Sul	13,5	11,1	9,8
Demais	28,4	23,6	16,3
Brasil	100,0	100,0	100,0

**Fonte:** CANO, 1977, p. 115, cf. texto original, mas a marcação é referente ao então Distrito Federal.

Em relação à conjuntura internacional, três fatores chamados de choques do exterior colaboraram para o avanço da industrialização entre as décadas de 1920 a 1950, os efeitos da Primeira Guerra Mundial, a crise de 1929 e a Segunda Guerra Mundial.

A Primeira Guerra Mundial travada no continente europeu criou um período de prosperidade e riqueza para as nações da América Latina, na medida em que os países envolvidos no conflito compravam vários de nossos produtos, pois suas indústrias estavam focadas na produção de material bélico.

Nesse sentido, sem ter de onde comprar manufaturados, passamos a fabricá-los. Pequenas oficinas se converteram em indústrias, fato que fez surgir uma burguesia industrial e uma classe operária, produzindo modificações na divisão territorial do trabalho, tendo em vista que a indústria moderna se prolifera e atua em variados ramos, embora concentrada no sudeste.

A crise de superprodução de 1929 também trouxe consequências para a industrialização brasileira. Com a crise, principalmente os Estados Unidos deixaram de comprar o café brasileiro, o que trouxe impactos para as nossa exportações. Para conter a crise do café, o governo implementou uma política econômica que ao mesmo tempo manteve o preço do café no mercado internacional e elevou os preços dos produtos importados como máquinas e importados, colaborando para que as indústrias nacionais já instaladas desde a década anterior suprissem a demanda que havia, gerando recursos e levando o país a substituição de importações.

Na década de 1930 há uma intensificação da industrialização brasileira, acompanhada de mudanças na divisão do trabalho e na formação do trabalhador que se segue pelas décadas seguintes.

O que observamos é que na década de 1930, dois fatores colaboram para o processo de industrialização brasileira. Em primeiro lugar, a crise vivenciada pela economia agrário exportadora. Em segundo lugar, a dificuldade de importação, que colaborou para a fixação de fábricas que produzissem no país os produtos até então importados.

Um fato que chama a atenção nesse período é a participação do Estado no processo de industrialização, estimulado a partir de 1937, através da criação de empresas estatais como a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), em Volta Redonda, e a Companhia Vale do Rio Doce, encarregada da extração de minérios e a Hidrelétrica de Paulo Afonso. Essas estatais atuaram conjuntamente para produzir aço e energia para que a indústria se desenvolva-se. Portanto o Estado era intervencionista e antiliberal.

Outro fator que colaborou para o processo de industrialização nesse período foi a Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945). As nações envolvidas no conflito basicamente se preocupavam com a produção de produtos para o setor bélico, o que favoreceu a exportação de minérios e matéria-prima do Brasil, gerando acúmulo de recursos.

Entre os anos de 1950 a 1970 temos a chamada Terceira Fase, e o que se observa é que

estava em curso uma revolução industrial marcada pela regionalização produtiva, onde se instituiu uma nova divisão territorial do trabalho com papéis bem definidos para cada região brasileira.

Nesse sentido, coube à região Sudeste a concentração das novas indústrias. Por outro lado, coube as outras regiões, como o Centro-Oeste, inicialmente a disponibilização de áreas para a expansão da fronteira agrícola, e posteriormente para a modernização da agricultura.

Nessa fase houve uma diversificação da indústria, com o desenvolvimento do ramo de bens de capital; bens de consumo durável e o setor de energia.

Entre os anos de 1970 a 2000 temos a chamada quarta fase, marcada pela desindustrialização de São Paulo e a redistribuição da indústria para outras regiões e estados brasileiros.

Isso se deu porque a fase anterior foi marcada pelo crescimento industrial com concentração na região Sudeste, com foco no estado de São Paulo. Esse modelo acabou se esgotando, provocando o efeito inverso do que previa e acabou por travar o desenvolvimento brasileiro.

Para tentar transformar esse quadro, os governos militares elaboraram dois planos econômicos, de números I e II, chamados PNDs- Plano Nacional de Desenvolvimento. De maneira geral, os objetivos dos planos eram estimular a economia, incentivar a indústria, combater a inflação, além de tentar promover o crescimento da renda e diminuir o desemprego.

Especificamente em relação a indústria, o objetivo era redistribuí-la por todo o território brasileiro e desenvolver um grande projeto de integração nacional, conforme aponta Moreira (2004):

A fórmula da recuperação industrial dos estados e regiões é a política de instalação de indústrias de bens intermediários, em geral na forma de polos minero-industriais, e de usinas hidrelétricas de grande porte em pontos estratégicos da periferia nacional, localizados ao longo das periferias regionais de São Paulo, acompanhada de uma expansão da fronteira agrícola e maior difusão dos meios de transferência pelo território nacional, de modo a atender a demanda de circulação de transportes, comunicação e energia entre regiões e polos e favorecer o florescimento industrial para além do sudeste. (MOREIRA, 2004, p. 135)

Essas transformações introduziram uma nova divisão territorial do trabalho, dividindo o espaço brasileiro em quatro grandes regiões, com papéis bem definidos para cada uma. Assim temos a região da fronteira biológica, do polígono industrial, a região da difusão da agroindústria e indústria de não duráveis e a região do complexo agroindustrial.

Nesse sentido, coube a região Centro-Oeste abrigar o complexo agroindustrial (CAI),

que se consolidou. O CAI é o resultado da combinação da agricultura de um lado, com a indústria que produz insumos e equipamentos agrícolas e, por outro lado, com a indústria que processa os produtos agrícolas, a agroindústria.

O aparecimento do CAI representa o começo de um novo paradigma agrícola, de maneira que a relação entre a indústria e a agricultura passa a ser determinada pela industrialização do campo. O CAI ao conciliar agricultura e industrialização, promoveu a modernização da agricultura e a expansão da fronteira agrícola.

A consequência foi o crescimento da atividade leiteira, seguida de uma reestruturação da agroindústria láctea marcada pelo aprofundamento da regionalização produtiva. Essa reestruturação implicou no surgimento de novos empreendimentos de beneficiamento lácteos que colaboraram para o aparecimento do segundo estágio da atividade do leiteiro.

## **2.2. A Modernização da Agricultura, a Frente de Expansão Agrícola, a Reestruturação da Agroindústria Láctea e o Segundo Estágio da Atividade do Leiteiro**

“Modernização da agricultura” é o nome que se dá a introdução de novas tecnologias e maquinários no processo produtivo no campo, bem como às modificações ocorridas nas relações sociais de produção. No Brasil, o processo se inicia na década de 1950 e está relacionado ao fim da Segunda Guerra Mundial.

Durante o conflito, o país acumulou reservas de moeda estrangeira. Esse acúmulo se deu em virtude de nossas importações caírem bastante, uma vez que as nações envolvidas no conflito direcionavam sua produção para artefatos bélicos que eram utilizados na guerra.

Após o fim da guerra, o governo federal aproveitou as reservas financeiras acumuladas e retomou as importações, comprando equipamentos mais avançados. Vários desses equipamentos, colaboraram com a modernização da agricultura e promoveram um novo ciclo de crescimento industrial e desenvolvimento econômico. Esse modelo ficou conhecido como política de substituição de importações.

A partir da década de 1960, há um estímulo estatal para o processo de modernização da agricultura. Esse processo se desenhou pelo fortalecimento da associação entre agricultura e indústria, e por mudanças nas relações entre as pessoas. Essa modernização da agricultura objetivava o aumento da produtividade, que seria oportunizada por meio da ampliação das relações entre agricultura e indústria.

Outro fato que ocorreu nesse período, associado a ampliação da malha rodoviária, e que colaborou para a modernização da agricultura foi a expansão da fronteira agrícola para a região

Centro-Oeste.

O avanço permitiu a aquisição de terras mais baratas. Essa redução no preço se dava em virtude de estarem mais longes dos grandes centros consumidores. A aquisição dessas novas propriedades possibilitou ao mesmo tempo, a expansão da atividade pecuária, e, a utilização de novas tecnologias. Tal combinação resultou na ampliação da área produzida e aumento da produtividade.

Esses fatores combinados, estimularam a vinda de novas empresas para atuarem na captação de matéria prima mais barata na região como enfatizam Mazzali e Costa (1988):

Nesse período, as grandes empresas de laticínios do eixo São Paulo-Rio de Janeiro estendem sua rede de captação de matéria-prima em direção ao Sudoeste e Nordeste do Estado de Minas Gerais, Agreste de Pernambuco, Goiás, Mato Grosso e Norte do Paraná. Presencia-se, portanto, a constituição plena de um mercado de dimensões nacionais na captação do leite. (MAZZALI; COSTA, 1988, p. 341)

Esse processo de modernização da agricultura trouxe várias consequências. Uma delas foi o aparecimento e o crescimento do número de indústrias especializadas na produção de equipamentos agrícolas e insumos. O resultado foi o surgimento de uma série de inovações tecnológicas que revolucionaram a produção de leite e derivados.

Entre as inovações tecnológicas podemos citar as ordenhadeiras mecânicas, bombas centrífugas, e novos tanques mecânicos que trouxeram mudanças na fabricação de queijos, além de novas técnicas de embalagem utilizando plástico.

Aqui destacamos as embalagens de plástico, a chamada “barriga mole”. Esse novo recipiente possibilitou a troca do envasamento do leite nas garrafas de vidro. Uma das vantagens dessa nova embalagem, era o fato dela ser descartável. Tal característica acabou por resolver dois problemas. O primeiro, o fim da necessidade de se higienizar as garrafas de vidro que eram retornáveis, que era um processo caro. O segundo, a redução de custos, não só com todo esse processo, como com a necessidade de se comprar novas garrafas para substituir as que quebravam ou não retornavam.

Essas novas embalagens foram bem recebidas no mercado. Além disso, essas transformações ofereceram muitas facilidades para o consumidor. Essas facilidades se traduziram em acréscimo no consumo de leite e derivados. Todo esse processo de modernização da agricultura colaborou de um lado para a reestruturação da Agroindústria Láctea nas décadas de 1960 e 1970. E de outro lado colaborou para o aparecimento do segundo estágio da atividade do leiteiro.

Um outro fator que também precisa ser analisado e que colaborou para a reestruturação

da agroindústria láctea, foi a intervenção estatal por meio da edição de um conjunto de legislações sanitárias.

Nesse sentido, vale lembrar que em 1952, o Governo Federal por meio de um decreto criou o Rísboa, que obrigava a pasteurização do leite, a inspeção federal e a colocação do carimbo do Serviço de Inspeção Federal (SIF). Além disso, o regulamento classificava o leite em tipos: A, B e C, consoante com as circunstâncias sanitárias da ordenha, manipulação, venda e cômputo microbiano.

Essa nova legislação, moderna, inovadora e desafiadora praticamente obrigou a agroindústria láctea a reestruturar o seu processo de produção. Essa reestruturação por sua vez, aumentou e muito a credibilidade do produto brasileiro no mercado internacional, atraindo novos consumidores internos e externos.

Esse novo cenário promissor estimulou o crescimento da atividade leiteira, bem como a ampliação do número de estabelecimentos de beneficiamento lácteo país afora. Esses novos estabelecimentos industriais deveriam estrategicamente estar cada vez mais próximos das regiões produtoras de leite, localizadas sobretudo no interior do país.

Por outro lado, a nova realidade obrigou os antigos estabelecimentos de beneficiamento a se adequarem ao novo processo produtivo e a incorporar as inovações tecnológicas.

Em Goiandira, ao que tudo indica, os Laticínios Wanda que era uma empresa de beneficiamento lácteo de atuação regional, porém com uma estrutura modesta e especializada na captação de creme e produção de manteiga, provavelmente não teria conseguido se adaptar à nova realidade e muito menos incorporar as inovações tecnológicas, vindo conseqüentemente a falir.

Tal fato abriu caminho para que outras empresas se instalassem na região, como foi o caso o laticínio Teixeira, uma empresa com sede em São Paulo, que teria se instalado na vizinha cidade de Cumari, e da Cooperativa Agropecuária de Catalão.

A instalação dessas novas indústrias de beneficiamento lácteo com atuação regional, e que passaram a atuar na captação de leite *in natura* e não mais creme, foram decisivos para o início do segundo estágio da atividade do leiteiro, conforme veremos a seguir.

### **2.3. O Segundo Estágio da Atividade do Leiteiro: Leiteiro, Camponês e Indústria, uma Relação Complexa**

Neste tópico procuramos compreender como se constituiu o segundo estágio da atividade do leiteiro e sua complexa relação com o camponês e a indústria, a partir da memória

socialmente construída pelos transportadores de leite *in natura*.

A memória é uma reconstrução do passado que se dá a partir da conservação de ocorrências e conhecimentos obtidos através de experiências, ou circunstâncias ouvidas ou vividas. Essas lembranças podem ser individual, ou seja aquela guardada por um indivíduo, ou podem ser coletivas, ou seja lembranças de um grupo que vive certos fatos em comum.

Como estamos lidando com as lembranças e experiências em comum compartilhadas por um grupo de trabalhadores chamados de leiteiros, utilizamos o conceito de memória coletiva. De acordo com Michael Pollak (1992),

A priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes. (POLLAK, 1992, p. 2)

Em outras palavras, a compreensão de tudo o que ocorre com o indivíduo pode também ser corroborada a partir da lembrança dos outros membros do grupo ao qual ele está inserido. Nesse sentido, ainda de acordo com Halbwachs (2013),

[...] nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembranças pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivermos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem. (HALBWACHS, 2013, p. 30)

O conceito, então, de memória coletiva, é compreendido como sendo as recordações e imagens partilhadas pelos indivíduos do grupo e, para sobreviver, é fundamental que os indivíduos não deixem de pensar e de se lembrar de forma coletiva. A memória deixa de ter uma extensão que se possa apenas individual. Nas palavras de Halbwachs (2013),

Para que nossa memória se auxilia com a dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento comum [...]. É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizerem e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade. Somente assim podemos compreender que uma lembrança possa ser ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída. (HALBWACHS, 2013, p. 39)

Nesse aspecto a memória viabiliza investigações apuradas de diferentes grupos sociais,

e coloca para o presente não só acontecimentos vividos categoricamente, mas também as emocionalidades dos indivíduos em análise.

A partir então do conceito de memória coletiva, procuramos compreender a ação do leiteiro como dentro de uma experiência de classe, compreendendo que a lembrança é formulada a partir da experiência de determinadas situações, e que portanto é resultado de um processo histórico construído dentro de um determinado grupo social (classe), como definido por Thompson (2001):

Para dizê-lo com todas as letras: as classes não existem como entidades separadas que olham ao redor, acham um inimigo de classe e partem para a batalha. Ao contrário, para mim, as pessoas se vêem numa sociedade estruturada de certo modo (por meio de relações de produção fundamentalmente), suportam a exploração (ou buscam manter poder sobre os que as exploram), identificam os nós dos interesses antagônicos, debatem-se em torno desses mesmos nós e, no curso de tal processo de luta, descobrem a si mesmas como uma classe, vindo, pois, a fazer a descoberta da sua consciência de classe. Classe e consciência de classe são sempre o último e não o primeiro degrau de um processo histórico real. (THOMPSON, 2001, p. 274)

Para Thompson (2001) não existe classe dissociada da experiência de determinadas situações, na medida em que a luta travada na vivência antecede o processo de formação de uma classe. De maneira que não há como entender classe sem compreender esse processo histórico. Nesse sentido o conceito de classe definido dentro de um processo histórico significa, como Thompson (2001) diz,

Negar fundamentos teóricos e políticos e intelectuais detentores do conhecimento sobre os verdadeiros interesses da classe operária.....“A classe se delinea segundo o modo como homens e mulheres vivem suas relações de produção e segundo a experiência de suas situações determinadas, no interior do conjunto de suas relações sociais, com a cultura e as expectativas a eles transmitidas e com base no modo pelo qual se valeram dessas experiências em nível cultural. (THOMPSON, 2001, p. 277).

Contudo, como o próprio Thompson (2001) coloca, ele não nega o materialismo histórico:

Suponho que ninguém possa pensar, por tudo isso, que eu corrobore a ideia de a formação da classe ser independente de determinações objetivas, nem que eu sustente que classe possa ser definida como simples fenômeno cultural, ou coisa semelhante. Isso seria, creio eu, desmentido pela minha própria prática de historiador, como pela de muitos outros. (THOMPSON, 2001, p. 277)

Perante o exposto, chegamos à conclusão que para uma melhor maneira de reconstruirmos coletiva desses sujeitos históricos (leiteiros), e a experiência de classe

historicamente construída, era utilizando a oralidade.

Nesse sentido a história oral é uma referência teórico metodológica que se colocou como uma possibilidade de investigação dessas pluralidade de versões e experiências. A história oral permite incorporar falas de sujeitos históricos excluídos da história oficial. Dessa forma queremos inserir as vozes desses leiteiros a história da reestruturação da agroindústria láctea

Nas palavras de Guedes-Pinto e Park (2002):

A história oral preocupa-se fundamentalmente em criar diversas possibilidades de manifestação para aqueles que são excluídos da história oficial, tanto a “tradicional quanto a contemporânea, e que não possuem formas suficientemente fortes para o enfrentamento das injustiças sociais. (GUEDES-PINTO; PARK, 2002, p. 95)

Nesse sentido, a entrevista se torna apropriada, pois permite analisar por meio dos depoimentos, os diversos posicionamentos pessoais expressos nas versões desses sujeitos. O entrevistado vai falar daquilo que lhe dá sentido, aquilo que é importante para ele, e que por isso é narrado por ele.

O entrevistado é um sujeito ativo, ele tem interesse na pesquisa, pois ao falar, ele resgata as experiências históricas que foram compartilhadas com um grupo de trabalhadores transportadores de leite *in natura* (leiteiros), bem como com a indústria e o camponês, sujeitos com os quais ele se relacionou.

Da análise dos depoimentos, percebemos que em Goiandira, a atividade do leiteiro e sua complexa relação com a indústria e o camponês sofreram transformações ao longo dos anos, que podem ser dividida em três estágios. Contudo o foco aqui será a análise do segundo estágio.

Essas mudanças, são resultado de um processo histórico marcado pela a evolução da indústria moderna do Brasil, a modernização da agricultura, a expansão da fronteira agrícola, e a reestruturação produtiva da agroindústria láctea brasileira, regional e local. Em cada estágio a atividade assumiu novos formatos e características.

### 2.3.1. O Primeiro Estágio da Atividade do Leiteiro

O primeiro estágio provavelmente aparece em meados da década de 1950, estendendo-se provavelmente até meados da década de 1970. A seguir analisaremos alguns trechos da entrevista de um ex leiteiro, o senhor Vandervino Gregório da Mota, popularmente conhecido como “Vino”, que atuou no primeiro e segundo estágios.

De acordo com o depoimento de um ex leiteiro, o Vandervino, esse estágio está diretamente relacionado ao surgimento dos Laticínios Wanda. Esse empreendimento de

beneficiamento lácteo que atuava na coleta de creme e produção de manteiga entre as décadas de 1950 a 1970.

Na época do Idelfonso Teles, do Laticínio Vanda... Não é da sua época também... Onde trabalhavam Binha, papai, [ininteligível] e João Teles. Aliás, eu trabalhei lá quando era menino ainda, de sete, oito anos de idade... Eu levantava de madrugada para ir .... tinha aquelas latinhas de manteiga Vanda, de meio quilo, e tinha umas grandes, redondas, de dez quilos... : Então, eu trabalhei lá, levantava de madrugada junto com o papai e os demais lá, eu era que... Eles jogavam as latinhas, eu ia tampando elas e colocando nas caixas, enchia a caixa. Eram três parcelas dessas latas de meio quilo e lá tinha um vácuo que onde entrava o caminhão para descarregar creme e pegar essa produção, que era manteiga de leite, na época. (MOTA, 2019, p. 8 – 9).

Nesse período o transportador era chamado de “Cremeiro” pelos próprios produtores e pelo laticínio. Ele recebia esse nome porque ele atuava na captação de creme, uma matéria prima que era utilizada na fabricação da manteiga pelos Laticínios Wanda.

Ele (meu pai) era ajudante do Binha... na verdade, na captação dos cremes, na época, porque não tinha leiteiro, eram muito poucos... Nessa época, parece-me que existia, como eu estava dizendo lá atrás, o Albertino. Mas era mais longe, esse é... lá da região do Veríssimo, para lá, né. Aí, então, tem o papai, que era carreteiro de creme. Buscava uma vez por semana, parece. Talvez até duas. (MOTA, 2019, p. 15)

O cremeiro percorria uma rota que era chamada de linha do cremeiro. Assim cabia a ele a busca da matéria prima em cada propriedade para ser beneficiada no laticínio. Deduz-se que ele se constituía como o intermediador da complexa relação entre o camponês e a indústria.

Nesse sentido, ele colaborava para uma subordinação do campesinato em relação a indústria. Entretanto, ele não parecia exercer um papel educativo e disciplinador sobre o produtor e a produção do creme no que se refere a observância de cuidados com questões sanitárias, higienização pessoal, ou das dependências, ou dos utensílios.

Olha, ô Erick, fazia muito aqui, aqui para o lado do Veríssimo, aí o ‘Lôla’ Mariano, aí, pai do Osvando, você conheceu? Tem muitos anos que ele morreu não... Pois é. Era aqui na região da... É, aqui da região aqui da, hoje, Padre Pireneus, da Associação Padre Pireneus, aquela região ali, ‘Nenzico da Paixão’, era... Nenzico da Paixão’ ... Você se lembra da Vilma, a menina da, a filha da Vilma está aí, aquela... eu não sei se eu posso falar agora... A Sônia, Sônia... A mãe da... A Sônia é filha da... como é que ela chama, Vilma. Vilma é filha do ‘Nenzico da Paixão’. É ‘Vigário’. É da família dos Vigário, ‘Nenê’ Vigário; ‘Tonho’ Delfino, que ainda está lá na roça até hoje... Naquela época tinha o Jerônimo Delfino, que é lá onde (hoje) é do ‘Manezão’, ao lado lá... Esses é.. Pai do João Vigário, que tinha na época, ‘Nenê’ Vigário, enfim, essa região toda aí, ó. Como para cá, pegava também, teve uma época que pegava no Ovídio, que no início, eles não tinham opção a não ser creme. Então, era feito... Depois que foi aparecendo é que eles foram largando aquilo, de fazer o creme, desnatar leite, e começaram a vender o leite. Mas estava funcionando,

até certo tempo, funcionando com os dois, trazia, alguém fazia creme, e, como, também, já vendia leite. A região aí todinha e até mesmo para cá. Aí, no Dourado aí, ó, tinha muito. Ali, hoje é da... Geni Araújo ali, era Sebastião... era 'Tião Henrique', na época, o pai do 'Tião Motor', que eu conheci e esqueci o nome... catava creme por todo lado o 'Binha'. O 'Binha' e papai (MOTA, 2019, p. 24 – 25).

Nesse primeiro estágio, o cremeiro era um trabalhador contratado pelo laticínio, e não um trabalhador autônomo.

O 'Binha' puxava creme para o Laticínio Vanda, do Ildefonso Teles, do qual papai era ajudante dele. E trabalhava aqui... quer dizer, trabalhavam os quatro, mas para transporte do creme das propriedades até o laticínio, eram papai e o 'Binha' (MOTA, 2019, p. 22)

O veículo utilizado na coleta do creme, era de propriedade do próprio laticínio, e não do transportador. Ao que tudo indica, tratava-se de um veículo velho, que constantemente passava por reparos. Esses reparos eram realizados pelos próprios funcionários do laticínio, em local inapropriado e sem as ferramentas adequadas, uma vez que eram feitos nas dependências da empresa. A coleta do creme nas propriedades se iniciava na madrugada, o que demonstra o quanto era difícil a lida.

Tinha um vácuo que é onde está aquele... o menino lá, genro do 'Bunhão' lá na esquina... hoje é do 'Miron' lá, mas quem toca... Ali era um vão, era o vácuo onde entrava para ir lá no fundo para carregar, que hoje é o hotel. Então, às vezes... Pode perguntar para o 'Doliro', que está ai vivo e você conhece muito bem, a gente passava a noite inteira arrumando camionete para poder sair no outro dia de manhã, de madrugada. (MOTA, 2019, p. 9).

Ao que tudo indica, toda a produção do creme era entregue no laticínio. Aqui percebe-se um certo grau de subordinação do camponês em relação à indústria. Essa subordinação se dá na medida em que se integra ao processo de produção fornecendo a matéria prima.

As lembranças de Vandervino são uma reconstrução do passado, porque ele está fazendo um exercício de rememoração. Nesse exercício ele busca lembrar determinadas experiências que foram constituídas em um determinado grupo social. Essa busca se dá sempre amparada em referências do seu presente.

Entregava tudo no Laticínio Wanda, como também tinha outro laticínio onde está o 'Americão'. Eu tenho uma lembrança, uma vaga lembrança, que era do 'Lêdo Cecílio', que é casado com a dona Vilma, que é do Ildefonso, não lembro... Vilma era... Vanda era do Ildefonso. A Vanda, se não me engano era caçula, da turma. Tem a mulher do Vanderlei Teles, a Marli, tem a dona Marlene, João Ferreira, são irmãs... Tinha... Quem mais... O 'Ledo', sabe, não se lembra da rádio não? Não era do seu tempo não... A Rádio Educadora de Goiandira, você já ouviu falar? Esse 'Ledo' era genro do Ildefonso Teles também. Não sei com quem ele era casado... Ele tinha uma filha que chama

Leda... Essa Leda ainda existe, ela é casada com o irmão do Pedro, da pensão, eu me esqueci do nome dele, trabalha lá no Banco do Brasil, deve ter se aposentado, já, há muitos anos (MOTA, 2019, p. 25 – 26)

Na visão de Vandervino, o fim do primeiro estágio está relacionado é resultado de um processo histórico, paulatino, que está relacionado de um lado à própria reestruturação da agroindústria láctea. E de outro lado, a um esgotamento do modelo de produção do creme.

Mas aí, depois é que o pessoal foi desenvolvendo e... vendo que era mais fácil, e tal... porque você pegava, tirava o leite, fazia ordenha, só pôr no latão e tal, e não tinha mais preocupação. Agora você imagina: naquela época era desnatadeira manual, de um passo, para desmanchar, duzentos, duzentos e cinquenta litros... Mas, como era o Ovídio, na época... desmanchar isso tudo em creme, para tirar creme, tinha, levava dias para encher um latão. Eu me lembro direitinho da fábrica lá quando eu trabalhei lá. Então, aí foi acabando. (MOTA, 2019, p. 15).

Em outro trecho do relato do ex-leiteiro Vandervino, ele fala da transição do primeiro para o segundo estágio, trabalhando tanto na época da coleta e entrega do creme, como na coleta e entrega do leite.

As duas coisas aconteciam junto, estavam acontecendo, como eu já disse atrás, que aí o pessoal foi descobrindo, é, achou que fosse mais atraente vender o leite, do que ter aquela... aquela trabalhadeira toda para desnatar, então foi diminuindo o creme, até que então chegou a um determinado tempo que fechou o laticínio. Aí virou só para leite. (MOTA, 2019, p. 24).

O ex-leiteiro Azarias Alves Ferreira Neto também relembra o período da transição do primeiro para o segundo estágio da atividade do leiteiro. O curioso é que ele na infância e adolescência morou na zona rural com seus pais, que eram camponeses.

Eles produziam e vendiam creme para o laticínio, a matéria prima para fabricação de manteiga. Posteriormente ele se tornou um trabalhador autônomo, atuando como transportador de leite para a indústria laticineira.

Em seu testemunho Azarias relembra do primeiro estágio do leiteiro a partir do que ele viu e vivenciou. A sua lembrança é resultado de um processo coletivo, ou seja das relações que eram estabelecidas por seu pai, um camponês, com o laticínio. Ela está inserida no contexto social da família.

Ele procura narrar os fatos se deram, e nesse processo venha à tona memórias de sofrimento, a lembrança de que seu pai o colocava para fazer todo o desnatamento do leite, o que era um processo bem difícil. De que que o cremeiro não visitava as propriedades rurais todos os dias e portanto não recolhia o creme diariamente, e como isso produzia vários incômodos, transtornos e talvez até prejuízo financeiro para a família, que tinha no creme sua

principal fonte de receita.

Enfim, a narrativa de Azarias é toda centrada em sua vida e foca nas relações com seu pai e ele identifica-se mais como um camponês do que como um leiteiro.

Eu lembro também do tempo do cremeiro. Ah era... primeiro era dificuldade, né tinha que desnatar o leite tudo aí os pai punha a gente para tocar a desnatadeira aí depois ficava aquele creme nos latão tinha o dia do cremeiro vim o cremeiro não vinha as vasilhas começava a sopitar tudo azedava tudo virava aquela confusão, né. Azeda, ele começa a sair pela tampa assim sabe? Aí... os leiteiro o cremeiro que a gente falava na época demorava a vim aí era aquela confusão danada mas era bem pior do que entregar o leite, né. O cremeiro sempre ele passava aí as vezes uma vez por semana, né porque naquela época não era muito a quantidade o leite, né, uma vez duas vez na semana no máximo aí caminhão quebrava ficava o creme parado aí para azedar. Eu acredito que para dar um quilo de creme é uns três litros, manual, nas desnatadeira, eu até tinha, uai eles enferrujaram tudo mas tinha desnatadeira aí ainda. É, o meu pai tirava o leite, né e punha a gente tocar a desnatadeira fazer o... tirar para fazer o creme [risos]... ela tem uma bacia aí você coloca o leite na bacia ali em cima, né e vai desnatando hora que está terminando se tiver mais leite você completa a bacia de novo uma bacia em cima e a bacia vai descendo, e aí quando pega esse leite passa ele na desnatadeira uma parte vira creme e o que não é creme, vira Soro. (FERREIRA NETO, 2019, p. 7 – 8.)

Um aspecto interessante que merece ser analisado no depoimento do ex-leiteiro Azarias, é que percebe-se um certo grau de autonomia do produtor em relação à indústria, na medida em que ele entregava o creme e ficava com o leite desnatado (soro), que era utilizado por exemplo, na alimentação dos porcos, incrementando sua renda.

Ele se tornava o soro, né, aí ele ia para os porco. [...] Aí onde é que naquela época tinha uma renda de vender os porco, colocava o soro para o porco para alimenta eles, né era outra rendazinha que tinha na fazenda. (FERREIRA NETO, 2019, p. 8 – 9).

Azarias corrobora as informações de Vandervino sobre o veículo utilizado pelo cremeiro para transportar o creme das propriedades rurais para o laticínio. Tratava-se de um caminhão que era de propriedade da empresa, o que significa afirmar que o cremeiro não era um transportador autônomo e nem dono de um meio de produção. Ele na verdade se incorpora ao processo produtivo como trabalhador assalariado do laticínio.

Nessa época aí o cremeiro o caminhão do creme era do laticínio não era do cremeiro não. [...] Ah tinha um pessoal de Godoy lá de Cumari que buscava sabe, laticínio Teixeira também pegava o creme... já lembro do meu pai falar, né eu já era bem criança ainda mas ele falava nele senhor Idelfonso Teles, né.,o creme é matéria prima da manteiga. (AZARIAS, 2019, p. 9)

### 2.3.2. O Segundo Estágio da Atividade do Leiteiro

O segundo estágio da atividade do leiteiro se inicia em meados da década de 1960, quando esses trabalhadores passaram a ser chamados de leiteiros pelos próprios produtores e pelo laticínio. Seu aparecimento ao que tudo indica está diretamente ligado a uma reestruturação da agroindústria láctea marcada pelo surgimento de várias empresas de beneficiamento lácteo na região.

Entre essas empresas podemos citar o laticínio Teixeira na vizinha cidade de Cumari, conforme se pode observar da fala de um dos primeiros transportadores que atuaram na transição do primeiro para o segundo estágio da atividade do leiteiro, o ex-leiteiro Vandervino.

Aqui ele afirma que atuou na coleta de leite *in natura*, diferentemente do primeiro estágio, quando se atuava na captação de creme. O referido laticínio ao que tudo indica, era um empreendimento de beneficiamento lácteo que atuava de maneira regionalizada, provavelmente captando a matéria prima nas propriedades rurais localizadas no município de Cumari e também em cidades ao entorno. Vale lembrar que trata-se de uma cidade vizinha e limítrofe de Goiandira. Atualmente esse laticínios não existe mais na cidade de Cumari.

Olha, Erick, eu, na verdade, eu me lembro muito bem, como eu já disse em outra ocasião para você, a respeito do Albertino, que lá em Catalão, junto com o tio Jó, que era ajudante dele, mais eu quero crer que se não fui eu, eu me aproximei bem desse, do Albertino, que eu acho que é, na minha previsão, foi o mais antigo da região do Veríssimo para cá. Eu fui sim leiteiro...mais ou menos doze anos, aproximadamente doze anos, iniciando em 1966 até 1979. Um bom tempo, 1966 a 1979. É, mais ou menos, não tem um... como eu já te falei, não tem uma data precisa, porque a gente não guardou nada, não tem nada registrado, isso seria, no caso, lá quando a gente começou, lá em Cumari, que era o Laticínio Teixeira, mas como me parece que nem existe isso mais, acho não, não existe... é, acabou, então, aí, no caso seria preciso fazer uma busca lá para que a gente tivesse uma data mais precisa, mais ou menos. (MOTA, 2019, p. 1 – 3)

As informações trazidas por Vandervino também podem ser corroboradas a partir da análise de dois recibos, emitidos pelo laticínio Teixeira a um ex-leiteiro já falecido (Ilustrações 11 e 12). Ao se analisar o recibo, evidenciam-se algumas mudanças em relação ao primeiro estágio. Na primeira delas, o referido laticínio atuou na captação de leite *in natura* e não mais no creme. Na segunda, nesse novo formato, o leiteiro agora é um trabalhador autônomo, um freteiro, e não mais um motorista contratado pelo laticínio.

Outros depoimentos, como por exemplo do ex leiteiro Albertino José Carneiro, apontam tanto para o surgimento do laticínio Teixeira na cidade de Cumari, como para o aparecimento de outros laticínios, como a cooperativa de Catalão e a multinacional italiana, a Parmalat.

Ilustração 11. Recibo emitido pelos Laticínios Teixeira a um ex-leiteiro já falecido.

**CORUMBAIBA - Ind. e Com. de Produtos Alimentícios Ltda.**  
**CUMARI - Praça da Estação, 600 - GOIÁS**

Data da Emissão 20 / 8 / 1972.  
 Nome Carlos Ernani Araújo Guimarães.  
 Endereço

	Débito	Crédito	V/c	Saldo
Seu fornecimento do mês de Julho de				
315 Litros de leite a Cr\$ 035		110,25		
Transporte de            litros a Cr\$				
Suas compras	437,50		D	327,20
Nosso pagamento cheque Banco				
Ranulfo E. da Rocha.				

Fonte: acervo do autor, 2020.

Ilustração 12. Recibo emitido pelos Laticínios Teixeira a um ex-leiteiro já falecido.

**RECIBO** Nova Razão Social: **CRS** 7.941,48=  
 Ind. de Produtos Alimentícios Teixeira Ltda.

Recebi(emos) de "**Corumbaiba**" **Industria e Comércio de**  
**Produtos Alimentícios Ltda.** estabelecidos à Praça da Estação n.º 600  
 nesta cidade de Cumari, a importância supra citada de:

**Cr\$** 3.941,48= ( Três mil, novecentos e quarenta e hum cru-  
 zeiros e quarenta e oito centavos- - - - - )

referente ao meu carroto de 12.958 lts de leite a Cr\$ 0,14 por litro e  
 13.296 lts a 0,16.-

Para clareza fizmo/amos o presente em uma só via.

Cumari 20 de fevereiro de 1974

Vasco Araújo Guimarães

Fonte: acervo do autor, 2020.

Tanto a Parmalat, como a cooperativa, eram empreendimentos localizados em Catalão, que juntamente com Ipameri e Cumari são cidades vizinhas a Goiandira. Albertino é citado por alguns ex leiteiros e parece ter sido uma referência para eles. A decisão sobre qual o destino do leite, cabia sempre ao produtor rural, que ao que tudo indica se guiava pelo melhor preço oferecido pelo laticínio por litro de leite produzido.

Outros depoimentos, como por exemplo do ex leiteiro Albertino, apontam tanto para o surgimento do laticínio Teixeira na cidade de Cumari, como para o aparecimento de outros laticínios, como a cooperativa de Catalão e a multinacional italiana, a Parmalat. Tanto a Parmalat, como a cooperativa, eram empreendimentos localizados em Catalão, que juntamente com Ipameri e Cumari são cidades vizinhas a Goiandira. Albertino é citado por alguns ex leiteiros e parece ter sido uma referência para eles. A decisão sobre qual o destino do leite, cabia sempre ao produtor rural, que ao que tudo indica se guiava pelo melhor preço oferecido pelo laticínio por litro de leite produzido.

Quem começou... Tinha um povo da Cumari. É aquele que abriu a firma primeiro aí, foi o povo de Cumari... É, eu levava, levei um pouco. Depois levava para Ipameri... Aí depois os fazendeiros viraram, mandaram aqui para, para a Parmalat e para a cooperativa. (CARNEIRO, 2019, p, 14).

A fala do único leiteiro desse segundo estágio ainda em atividade, o senhor Luís Lara Cardoso, também reafirma a hegemonia regional do laticínio Teixeira em Cumari ao instalar um depósito em Nova Aurora. Esse entreposto atuava na captação do leite *in natura* captado provavelmente de propriedades mais próximas a ela, e mais distantes da sede em Cumari.

Não se tem notícia de nenhum outro estabelecimento que tenha atuado nesse formato na região. Essa estratégia adotada por esse laticínios, em certa medida reflete uma subordinação da pecuária leiteira ao capital industrial.

Não, já puxei pra Cumari. No início foi... nós pegávamos o leite na Fazenda Lajeado, levávamos, pegávamos lá em Nova Aurora e levávamos para Cumari. Lá em Nova Aurora era depósito, o povo levava para Nova Aurora e de Nova Aurora nós pegávamos e levávamos para Cumari. (CARDOSO, 2019, p. 4)

O depoimento do ex-leiteiro, Daniel Costa Muniz, também aponta na mesma direção das outras entrevistas acerca do aparecimento de outros laticínios nas cidades vizinhas atuando na captação do leite *in natura*: “É, eu transportava leite para aquela... Coacal A Cooperativa Agropecuária de Catalão” (MUNIZ, 2019, p. 2).

O depoimento do ex-leiteiro Lázaro Divino Borges, apelidado de Naim, aponta também na mesma direção dos outros depoimentos. Aqui chama a atenção o aparecimento de uma outra

empresa multinacional, a francesa Danone.

A presença dessas empresas por um lado estimulam a concorrência entre elas e isso acaba por melhorar o preço pago ao produtor por litro de leite. Por outro lado, parecem refletir para um certo grau de subordinação da cadeia produtiva do leite ao capital internacional.

Porque os primeiros aqui, os primeiros que a gente puxou foram para Cumari mesmo... Agora, em Catalão lá, antigamente, foi cooperativa, e foi... os primeiros lá acho que foram... os Teixeira.. eu acho que sim. Teixeira, depois foi Parmalat, depois foi Boa Nata, Danone... ali foi a Danone, a Boa Nata, a Italac, foi tudo ali. A cooperativa sempre foi lá no prédio da cooperativa mesmo. Porque entregava para duas fábricas, sabe. Para a cooperativa e para a outra, para as outras lá, onde... quando era Italac, ou era Boa Nata, ou os Teixeira. É, entregava para as duas, porque fazendeiro, vira e mexe, um queria uma fábrica, outro queria outra o povo ia por mais preço. (BORGES, 2019, p. 13-14).

Em outro trecho da entrevista do ex leiteiro Lázaro Borges, encontramos a presença de uma cooperativa. Trata-se de uma organização que também atua no beneficiamento lácteo, porém numa lógica comercial bem diferente das grandes empresas. Seu objetivo é praticar uma política de preços mais agressiva que fosse capaz de atrair o camponês diminuindo os enfrentamentos com as empresas. As cooperativas aproveitam-se do benefício fiscal concedido pelo governo federal.

Então, a cooperativa acho que era mais... em Catalão acho que era mais... a primeira, era uma das primeiras. Aí depois foram surgindo essas outras aí. Eu acho que o preço veio melhor do que a cooperativa um pouquinho, sabe, porque... Para ir incentivando, para pegar produtor. A cooperativa foi muito forte em Catalão. (BORGES, 2019, p. 15).

Em resumo, todos os documentos analisados até aqui, bem como a memória reconstruída através dos depoimentos dos ex leiteiros, apontam para um processo de reestruturação da agroindústria láctea que se intensificou a partir de meados da década de 1960. Essa reestruturação foi marcada pelo aparecimento de várias empresas de beneficiamento lácteo de atuação regional.

Essas novas empresas atuavam na captação do leite *in natura*, e não mais o creme. Tal forma de atuação, contribuiu para o aparecimento do segundo estágio da atividade do leiteiro, visto que ele era o responsável por transportar a matéria prima (leite *in natura*) do campo para a indústria.

Esse novo leiteiro, o tradicional, constitui-se como um trabalhador autônomo e não mais como um trabalhador contratado formalmente pelo laticínio. Nesse novo formato, ao invés do transportador visitar as propriedades rurais e recolher o creme uma única vez na semana, ele passa agora a visitá-las diariamente, percorrendo uma rota que é chamada de “linha do leiteiro”,

recolhendo o leite todos os dias e o entregando no laticínio. Nesse sentido, coube a esse leiteiro o papel de protagonista na intermediação da relação entre o camponês e a indústria.

Percebe-se ainda que, essa nova relação entre o leiteiro, o camponês e indústria implicará em uma menor autonomia do camponês em relação à indústria, na medida em que o campesinato se integra a agroindústria de beneficiamento vendendo praticamente toda sua produção de leite. Essa lógica aproxima-se do pensamento de Chayanov (1981), Kautsky (1985), Marx (2004) e Dobb (1977). De acordo com Chayanov (1981),

Não conseguiremos progredir no pensamento econômico unicamente com as categorias capitalistas, pois uma área muito vasta da vida econômica (a maior parte da esfera de produção agrária) baseia-se, não em uma forma capitalista, mas numa forma inteiramente diferente, de unidade econômica familiar não assalariada. Esta unidade tem motivações muito específicas para a atividade econômica, bem como uma concepção bastante específica de lucratividade. (CHAYANOV, 1981, p. 133 – 134).

De acordo com Kautsky (1985),

O camponês, de dono de sua própria produção agrícola, converte-se, ele próprio, em um apêndice da produção industrial; tendo de submeter-se às demandas desta última, ele se transforma, em parte, em um operário [...] Que extensão tomaram certas explorações da indústria agrícola? É o que nos mostram, por exemplo, as empresas da casa Nestlé. Ela possuía na Suíça duas grandes fábricas para o preparo de leite condensado e uma fábrica para o preparo de farinha Láctea. Esta última, estabelecida em Vevey, trabalha diariamente 100.000 litros de leite, produto de 12.000 vacas, oriundos de 180 aldeias. 180 aldeias perderam a sua autonomia econômica e se tornaram caudatárias da casa Nestlé. Os seus habitantes ainda são, exteriormente, proprietários de suas terras, mas já não são camponeses livres. (KAUTSKY, 1985, p. 286; 304).

Ao analisarmos as diferentes formas de produção e trabalho preexistentes sendo apropriadas pelo capital, onde se misturam camponeses e leiteiros integrando-se à agroindústria voltada para a produção em alta escala, onde outrora trabalhavam para si e agora trabalham para um patrão, há uma alteração da relação, a qual aponta para a ideia do conceito de subsunção formal do trabalho ao capital, pois de acordo com Marx (2004),

o processo de trabalho converte-se no instrumento do processo de valorização, do processo de autovalorização do capital: da criação de maisvalia. O processo de trabalho subsume-se no capital (é o processo do próprio capital), e o capitalista entra nele como dirigente, guia; para este é ao mesmo tempo, de maneira direta, um processo de exploração do trabalho alheio. É isto o que denomino subsunção formal do trabalho no capital. É a forma geral de qualquer processo capitalista de produção. (MARX, 2004, p. 87)

Outro aspecto que também aponta para o conceito de subsunção formal refere-se aos ganhos associado a intensidade e quantidade, pois conforme Dobb (1977),

É evidente que os pagamentos por incentivos são muito mais vantajosos para o empregador quando o ritmo de trabalho depende do próprio trabalhador e da velocidade com que ele trabalha, como, por exemplo, o torneiro no torno ou o escavador na mina de carvão. Por outro lado, quando o ritmo de trabalho é governado pela velocidade do maquinário, e o trabalhador pouco pode fazer além de acertar o passo com a máquina numa série de operações mais ou menos rotineira, talvez tanto faça ao empregador pagar por tarefa ou por hora. (...) O pagamento por incentivo será mais praticável e mais manejável onde o trabalho, de caráter padronizado, se compõe de “tarefas” regulares, que se medem com facilidade e continuam sendo as mesmas durante semanas a fio (DOBB, 1977, p. 75 – 76)

A ideia de Dobb (1977) pode ser exemplificada e comprovada no fato de que praticamente nunca o leite azedava mesmo sendo transportado sem resfriamento, e quando acontecia, o prejuízo era rateado entre o produtor e o transportador. Este não recebia o frete daquele dia, aquele não recebia pelo leite que fora produzido e retirado de sua propriedade. Essas tarefas que compunham o itinerário do leiteiro proporcionava-lhe melhores ganhos, mas ao mesmo tempo enormes vantagens ao laticínio.

Convém ressaltar que embora o pagamento efetuado ao transportador fosse realizado pela indústria (laticínio), esse valor já era deduzido do preço do litro de leite pago por essa mesma indústria ao produtor rural, refletindo também um processo de subordinação do produtor ao laticínio.

A conclusão que se chega é que esse conjunto, composto por trabalhadores autônomos com ferramentas especializadas (leiteiros), relacionando-se todos os dias com os camponeses, colaboram de um lado para a consolidação do novo processo de produção, e por outro lado intensificam a exploração do trabalhador. Em outras palavras, o trabalhador se constitui ao mesmo tempo enquanto classe e como constituinte do capital.

Quem eram os leiteiros? De acordo com o ex leiteiro Vandervino, os leiteiros eram os trabalhadores transportadores do leite *in natura*, que praticamente todos os dias do ano acordavam de madrugada, recolhendo o leite em pesados latões de 50 litros.

[...] a gente passava a noite inteira arrumando camionete para poder sair no outro dia de manhã, de madrugada. Então, como se diz, a gente... eu fico me lembrando dessas coisas desse passado e fico imaginando, gente, como a gente hoje... Se fosse para fazer isso não daria conta, não daria conta, mas naquela época... Por isso é bom a juventude, é bom a gente preservar e conservar, porque, na minha época, a gente sem estudo e tal, então é muito sofrido, talvez hoje está, como se diz, alguma coisa que a gente tem... pode ser até conveniente esse trabalho pesadíssimo que era... Porque era muito pesado um latão de cinquenta litros de leite e era todo de ferro... No finalzinho que apareceram esses latões de plástico. Eu cheguei a trabalhar com eles, aliás, eu tenho dois ali de ferro, não sei se você deve conhecer... Então, muito pesado. (MOTA, 2019, p. 10).

De acordo com o ex leiteiro Lázaro Borges, os leiteiros eram os trabalhadores que visitavam as propriedades todos os dias do ano, percorrendo as chamadas linhas do leiteiro, que eram rotas ou estradas que interligam as fazendas e regiões. Ao chegarem as propriedades, recolhiam o leite *in natura* para posteriormente o entregar no laticínio. O leiteiro era em certo aspecto um disciplinador da produção, pois estava sempre atento ao horário e preocupado em não deixar azedar o leite.

Produtor tirava, levantava de madrugada, os primeiros que a gente ia pegar o leite levantavam 3:00, então os primeiros de quem eu pegava o leite chegava geralmente era 6:00, 6:30, já chegava no primeiro. Então já tinha... o ‘nêgo’ que ia levantar cedo para tirar o leite. Então é um compromisso que a gente tinha com eles, porque eles tiravam o leite e ficava esperando o leiteiro. De uma maneira ou de outra, a gente tinha que pegar o leite, porque senão o leite perdia por conta até da gente. É porque...todo mundo levantava cedo e ficava esperando, o leiteiro para pegar o seu leite para levar para a fábrica. É um compromisso sério que você tinha, porque chovia muito antigamente, a estrada não tinha... então é uma atividade constante, sábado, domingo, o ano inteiro (BORGES, V., 2019, p. 4)

Nas palavras de Vandervino, provavelmente o primeiro leiteiro a atuar nesse novo formato, o segundo estágio da atividade do leiteiro teria se iniciado em meados da década de 1960.

Fui sim, por... tempo também.. mais ou menos doze anos, aproximadamente doze anos, **iniciando em 1966 até 1979**. Um bom tempo. ...1966 a 1979. Olha, Erick, eu, na verdade, eu me lembro muito bem, como eu já disse em outra ocasião para você, a respeito do Albertino, que lá em Catalão, junto com o tio Jó, que era ajudante dele, mais eu quero crer que **se não fui eu, eu me aproximei bem**. (MOTA, 2019, p. 2 – 3, grifo nosso).

De acordo com Lázaro, o aparecimento do segundo estágio é resultado da reestruturação da agroindústria láctea. Esse processo histórico colaborou para o surgimento de novos estabelecimentos de beneficiamento lácteo que passaram a atuar na captação de leite *in natura*. Esse novo cenário impôs ao produtor a necessidade de se articular com as empresas, e dessa articulação surgiu o novo leiteiro, que passará a intermediar a relação entre o camponês e a indústria.

Eu acho que desde o começo quem montou a linha... O início eu não sei. De certo, um grupo de fazendeiros falou: ‘A gente precisa de uma pessoa para puxar o leite da gente’, e de certo arrumou, vamos supor, o Albertino ou o ‘Jeromão’, e falou: ‘Você quer fazer?’, ‘Puxar o leite para nós de uma região aqui, todo mundo entrega e você leva para o laticínio’. Eu acho que foi, que iniciou, foi desse jeito, dessa maneira. (BORGES, V., 2019, p. 12).

Esse novo leiteiro percorria um trajeto que ele e o produtor rural começaram a denominar de linha do leiteiro, conforme observa Aparecido Valdeci Mota Fernandes.

[...] a linha é você ir naquele... como um... o negócio... você vai todo dia naquele lugar, todo dia você tem que passar naquela estrada, (isso) é a linha... É uma rota, você.. Todo (dia) naquele mesmo lugar... E tem que ir. É igual um ônibus desse aqui: tem que vir, se ele não vir tem que mandar outro... (FERNANDES, 2019, p. 17).

A constituição dessas linhas se deu em função da necessidade que o produtor tinha de entregar o leite no laticínio para que pudesse aumentar sua renda. Esse cenário reflete uma certa subordinação do camponês à indústria e o leiteiro parece ser o protagonista dessa subordinação.

A linha de leite, às vezes, assim... Por exemplo, na época, o povo era doidinho para entregar o leite para ganhar uns trocos... O fazendeiro entregava o leite no laticínio, leiteiro buscava. Então ali, eles... você podia até fazer uma linha de leite, naquela época tinha muito leite, você podia chegar em cada fornecedor e falar assim: 'ô, eu quero pegar o seu leite, como é que é?', e tal. Aí, você entrava com o latão e o cara dava o leite... Então, no caso, se você tira cinquenta, cem litros, tinha dois latões, tinha que dar um para você e um para mim. E a gente começava a fazer a linha daquela época, você entendeu? (FERNANDES, 2019, p. 18).

Não havia nenhuma legislação que disciplinasse a sua organização e funcionamento. Não havia nenhuma regulamentação estatal no sentido de uma taxaçaõ pela concessão ou exploração do transporte do leite realizado nessas linhas, conforme nos relata Aparecido.

Não tinha que comunicar para a Prefeitura, o Governo Federal, Governo Estadual Nada disso... Tanto que só fazia essa linha de leite, fazia só a linha de leite para mim aí, ó, pegava vinte fornecedores aí... Se eu enjoasse dela, se eu fosse vender ela [...] (FERNANDES, 2019, p. 21).

A constituição e desconstituição dessas linhas eram resultado de acordos construídos entre o camponês, o leiteiro e a indústria. Eram relações informais onde a confiança era a base do acordo, conforme nos relata Aparecido Valdeci Mota Fernandes.

As vezes não vou mexer com leite mais não, eu ia te dar ela não, ia te vender os direitos que eu tinha nela, entendeu? Porque, eu que fiz a linha... Por exemplo, eu tenho uma camionete aí e a linha. Eu ia te vender tudo em comparação por vinte mil. Era comparação com quinze mil, dez mil da camionete e cinco mil da linha. A gente punha o preço mais ou menos no que dava por mês. Porque se eu pedisse aí tanto nela, o cara, só com aquele mês de leite, o cara pagava ela para a gente, na época dava um troquinho bom, aí se o cara quisesse comprar mesmo, o cara tinha só a camionete. Porque é só a linha. Eu vendia a linha com os latões para o cara, aí os latões também tinham preço... linha com latão e tudo. (FERNANDES, 2019, p. 22).

Vandervino também nos fala sobre a constituição da linha de leite. Observamos que ela era construída envolvendo o leiteiro, o produtor e a indústria. Ao camponês interessava a venda do leite, provavelmente para aumentar sua renda. Ao laticínio interessava a aquisição de matéria

prima para a produção de lácteo. Ao leiteiro interessava transportar o produto *in natura* e assim receber o pagamento do frete. O tempo gasto entre uma e outra propriedade também era um elemento que colaborava para definir a linha.

Era o que eu... já falei também, Erick, no mesmo sentido, você fazia uma linha; por exemplo, aqui, você fazia, assim, uma... desenhava, vamos dizer. Eu comecei com dez fornecedores aqui, na região aqui dos Dourado. Aí, de repente, aparecia um outro interessado em vender o leite, vinha falar com a gente para ir pegar. Então você fazia um, uma trajetória, assim, na imaginação, às vezes ‘não, aqui eu estou, o fulano é o último, eu estou terminando até tal hora’; aí, de repente, ‘não, mais tantos minutos dá para mim ir nesse fulano. (MOTA, 2019, p. 27).

Valmir Tristão Rosa, ao relembrar a constituição da linha de leite, traz um fato curioso. Parece que a linha de leite se constituía a partir de algo semelhante ao direito consuetudinário, onde não havia leis federais, estaduais ou municipais que o definia ou o regulamente, ao contrário, era tudo construído mantido e regido por acordos, códigos e costumes entre fazendeiros, leiteiros e indústria.

Uai, linha é assim: é um território denominado seu. Por exemplo, você tem aqui, eu ia para o lado do Campo Limpo. Ali, outro leiteiro não pegava, porque aquela, aquele território ali, era meu, eu comprei e paguei por aquilo. Só que se você desistir e tirarem você, foi um produtor, eu não tinha obrigação nenhuma de te obrigar, era um... comprei de quem fazia, como um direito, só, que você compra, da linha. Não tinha documento, não tinha nada. E não tinha distância. Se eu fosse ali e não tivesse ninguém para pegar, eu ia até no município de Cumari, eu ia mudando de [ininteligível], de ir num outro lugar para pegar, não tinha... Agora se tivesse alguém, já pegando numa outra fazenda, podia ser próximo da minha, talvez passava perto de mim, pegava do outro lado, eu não poderia pegar o leite dele, só se ele falasse ‘pega aquele leite lá que eu não quero mais, você pode ficar com ele para você’.. É, um acordo. É mais ou menos isso mesmo, um acordo de... como um código, você não ultrapassa o seu limite, ali é... só se o produtor falar ‘não, ele não quer ir mais porque o leite está pouquinho, está longe para vir buscar, você está passando lá perto e você pega o meu leite’. Aí é diferente. (ROSA, 2019, p. 10-12).

O veículo utilizado na coleta do leite, geralmente eram camionetas velhas, movidas a gás de cozinha. Como nessa época não havia uma fiscalização estatal sobre a atividade do leiteiro, embora sendo proibido, era largamente utilizado. Como ainda não havia na região camionetas movidas a diesel, provavelmente essa era uma estratégia do leiteiro para auferir maior lucratividade com o transporte, tendo em vista que o gás era bem mais barato que a gasolina.

A minha vida quase (toda) foi trabalhando como leiteiro. Comecei, eu tinha... a idade de dezesseis anos, mais ou menos, comecei como ajudante. Até que eu fui gostando daquilo [risos], fui gostando e logo, logo, eu também comprei

uma camionete, comecei a puxar também. Naquela época, o gás era liberado... E tinha uma 'gaszeira' (veículo a gás) na porta, estava tranquilo, toda e qualquer 'gaszeira' estava cheia de latão. Estava ganhando uns troquinhos, não fazia outra coisa, não sabia fazer. Ai comecei a puxar, parei tem pouco tempo (FERNANDES, 2019, p. 3).

Valmir também reforça as informações rememoradas por outros ex leiteiros sobre o tipo de veículo que era utilizado no transporte do leite, e qual seu estado de conservação: “Numa camionete, uma C-10 velha, aquela à gás, o ano dela era bem antigo. É de 1963 ou 1964, ela era antiga.” (ROSA, 2019, p. 2).

O leite era recolhido em latões e transportado em veículos que pertenciam ao leiteiro, em geral camionetas velhas, o que comprova que ele era um trabalhador autônomo. As condições eram extremamente desafiadoras especialmente nos períodos chuvosos. Havia o risco de afogamento, na medida em que muitas vezes o leiteiro ou seu ajudante tinha que atravessar o leito dos córregos para transportar o latão do curral e alça-lo na carroceria da camioneta, visto que em alguns lugares a chegada do veículo ao curral eram impossível. As estradas eram péssimas e os atoleiros eram constantes. Como o transportador sai bem de madrugada, o frio era um companheiro cotidiano.

Algum lugar... Vou voltar lá no, no Marçilon Martins, que está o Dileno lá, estava comigo na época. Você conhece lá onde é o doutor Pandojo?.. Descendo lá, aquilo ali era uma coisa esquisita. É onde morava o pessoal do 'Galinha'. Seu 'Manê' Vitorino, que era o pai do 'Galinha', e a dona... eu me esqueci o nome dela, mora aí, está viva. Mas hoje ela está velhinha demais, talvez não se lembre de nada. Mas lá, Erick, pode perguntar para o Dileno o dia que você for entrevistar ele. Eu parava de cá, para a gente que vai hoje lá no asfalto, desce, chegando lá naquela passagem que tem, no fundo da casa dele. Erick, aquilo ali enchia de água - porque antigamente chovia muito, não é como hoje -, é, chovia tanto... o Dileno e eu, nós íamos lá no curral, onde está hoje, e antigamente os currais eram todos de lasca, na época da dona Helena, mãe do Osvaldo. É, o córrego tão cheio, o Dileno - naquele tempo, usava-se muito calção, que fala -, ele tirava a calça, ficava de calção, e às vezes meio doidinho também - ele era doído, o Dileno -, entrava de roupa e tudo, às vezes... Nós íamos lá no outro lado no curral da dona Helena... o Osvaldo deve se lembrar disso. Nós vínhamos com os latões até lá na beira do córrego onde estava a água, lá a gente descia os latões, e passava com eles em pé, com a água. Pode perguntar para o Dileno. Passava com os dois, e eu parava cá em cima. Eu não podia descer muito, porque senão depois não saía. Aí tinha que voltar, dar a volta. Quando estava tudo bem, você atravessava para lá e para cá, mas como estava na época das enchentes, que, como falei, chovia demais, e naquele tempo não tinha como, então... Você vê, eu tinha que ir lá na dona Helena e voltar cá em cima para descer nos outros dois retirios, que hoje são do Juarez Pinto e do doutor Vando, lá da beira do rio. Então era uma dificuldade louca, mas era dificuldade mesmo. É... trator, eu acho até que não existia na minha época. É lá por acaso. Ah, enrolava ali no 'Vardim' mesmo, pode perguntar para ele, para você ver que dificuldade. Nossa, mas o lugar de mais dificuldade que eu tinha, na época, era ali no 'Vardim', como eu falei, está lá o Val até hoje, para quem quiser ver, e... foi um lugar... era um lugar

de lá do ‘Vardim’, a gente tinha uma passagem lá do córrego, eles ficavam bobos de ver eu passar por lá, para chegar naquela do Jair, que tem lá em cima. Eu vinha por lá, descia no córrego, num barranco, assim, e pulava cá para o ‘Vardim’. Aí pegava aí no ‘Vardim’, porque a ‘Arecilda’, na época, não é onde está a casa hoje não, aquele casarão antigo que tem lá, para baixo, assim, era onde eles moravam. Então, o.. pegava o leite lá. Mas é lá no casarão ali, não me lembro de quem morava lá, se tinha alguém lá, para falar a verdade. Depois é que eles passaram para cima, lá para casarão, casarão. (MOTA, 2019, p. 38-39).

Lázaro também relembra as dificuldades sobre as quais se realizava o recolhimento do leite, lembrando inclusive dos ferimentos no corpo que a atividade lhe causava.

Na época não tinha as pontes, quase, tinha era só vau, inclusive no Dutra ali mesmo, tem um catingueiro que dava muita enchente. Ali, várias vezes nós tivemos que passar o latão porque camionete não passava, estava de enchente, tinha que passar o latão na corda, amarrava uma corda de lá, amarrava o latão, jogava a corda de cá, puxava o latão, vinha boiando dentro da água para atravessar. E agora, em vários lugares, tinha que carregar longe o latão. A camionete não podia chegar perto, no curral, porque geralmente, quando estava chovendo muito, deslizava muito... então tinha lugar que tinha que buscar latão nas costas e era mais de cem metros... Os latões cortavam, a quina do latão cortava, o ombro da gente. (BORGES, L., 2019, p. 24)

Vanildo Aparecido Borges é outro que também fala dos perigos que a atividade do leiteiro impunha as vezes sobre o corpo devido a insalubridade do curral, local onde era produzido e recolhido o leite. Aborda também o excesso de peso carregado pelo transportador cotidianamente. Em virtude dessas condições de trabalho as quais eram submetidos, muitos adquiriram graves problemas de saúde que os acompanha por toda a vida.

Era custoso, era bem mais custoso. Tinha lama demais, não tinha como você chegar perto, o caminhão chegar perto, porque era sempre no curral. O ‘trem’ está escorregando, você ainda deixava mais longe, era bem mais complicado. Carregava longe, longe. Os dois, tinha de plástico, de ferro... Porque antes era só de ferro, então foi acabando com aquilo. Mas com o tempo foi ficando só o de plástico. O de plástico deve pesar uns cinquenta e sete quilos, mais ou menos, cinquenta e oito quilos, cheio. De ferro é uns sessenta, sessenta e... (BORGES, V., 2019, p. 13).

Em outro trecho da entrevista, Vanildo afirma que “é perigoso esse ‘trem’. Às vezes, você põe um latão, escorrega porque está chovendo, você cai com aquilo no seu calcanhar, quebra...” (BORGES, V., 2019, p. ?)

Daniel menciona sobre as lembranças do recolhimento do leite. Durante a conversa a revelação de um drama, ele acabou fraturando a perna.

Ah chovia, chovia. Como estava falando, de primeira, a gente passava só em vau, não tinha ponte, era algum lugar que você tinha uma ponte para você passar, mais era dentro da água. Tinha lugar que não tinha nem condições de

passar, lá no ‘Eurípio’ mesmo aconteceu, que eu quebrei até a minha perna, eu quebrei a minha perna... Caiu lá, aqui na... córrego fundo aqui, sabe? No fundo da Goiásfértil. Eu quebrei a minha perna lá! Puxando leite. Aí o que aconteceu: meu ajudante não sabia dirigir. Mas vai sofrer, eu escorreguei, nós atravessando nas pedras, nas pedras, para atravessar para o outro lado. Com o latão quebrei a minha perna, o latão caiu na minha perna. (MUNIZ, 2019, p. 19).

Na sequência da conversa alguns outros dramas vivenciados pelo Daniel e sua família vão se revelando, o sofrimento físico e financeiro. Seu depoimento revela que o leiteiro não possuía nenhum amparo social por parte do laticínio, tanto que ele mesmo é quem teve que arcar com os custos do tratamento. E pior, mesmo ele tendo sofrido um acidente de trabalho a serviço do laticínio, ele não recebeu nenhuma indenização, muito menos uma ajuda de custo para sustentar sua família. Só lhe sobrou a companhia da esposa.

Nossa, quase que ainda parte a perna! Nossa. Mas vai sofrer esse dia, viu. O menino até que correu lá na fazenda lá e veio um para me trazer para Catalão, sofri. Quebrei a minha perna Ah, isso foi em... a Regina deve saber, mas deve ser 1990... por aí.. Ah, foi, porque não tinha carteira assinada, não tinha nada... eu fiquei mais de um mês sem receber... (MUNIZ, 2019, p. 20)

Mas um outro fato chama a atenção nesse episódio: mesmo machucado, Daniel continuou articulando o transporte do leite, transferindo temporariamente a tarefa para o seu sobrinho, pagando do seu próprio bolso pelos serviços dele.

Quem puxou foi um sobrinho meu, o Paulo. Sobrava mixaria, porque eu paguei, eu me lembro direitinho... Naquela época parece que eu paguei a ele setecentos reais, não sei, para ele puxar esse leite para não ficar parado. O ‘trem’ é custoso. (MUNIZ, 2019, p. 21).

Na sequência, Aparecido também rememora como era o recolhimento do leite. No decorrer do depoimento, a revelação de uma fato que quase lhe custou a própria vida, o tombamento de sua camionete durante o percurso da linha de leite.

Eu já andei até batendo camionete, você sabe? Bati camionete nessas roças já, já tombei camionete, você chegava naqueles córregos, os córregos estavam cheio e não tinha jeito de passar... Hoje não, hoje não tem atoleiro mais, não tem vau, tudo quanto é córrego tem ponte... Naquela época não tinha isso não, chovia, dava aqueles enchentes, você chegava no outro dia para passar, ficava areiado (só na lama), se você (tentasse) passar, atolava no meio lá.. Você tinha que andar légua atrás de trator... E agora, hoje não. Hoje é... Às vezes o córrego estava cheio, (a gente) dava um jeito de passar na pinguela de qualquer jeito, aí você trazia o latão carregado até no córrego. Aí o cara amarrava ele com uma corda lá para a gente, e você vinha puxando os latões... Então, é... o sofrimento não é, sei lá, sabe... Eu gostava, sabe? (FERNANDES, 2019, p. 7)

Algumas perguntas agora começam a serem acrescidas, tais como: O que significa ser

leiteiro para aqueles que assim se identificavam? As repostas são múltiplas e variadas e carregadas de sentidos, pois trata-se de uma reconstrução do passado. São lembranças individuais que se apoiam nas lembranças dos grupos onde o indivíduo esteve inserido e manteve relações sociais.

Para Aparecido, em determinado momento de sua vida, ser leiteiro era a única possibilidade de emprego, era a forma de se conseguir um salário para sua sobrevivência.

Eu acho que ser leiteiro é.... sei lá, rapaz.... a gente não tinha outra opção, não tinha nada para fazer, então, na época, a gente...servia para ganhar os troquinhos da gente, comprar uma coisinha da gente, até comprar uma roupa mesmo, esses trem, os pais da gente, de situação financeira, eram pobres, então a gente se virava. Do jeito da gente. (FERNANDES, 2019, p. 3)

Porém, ao ser confrontado com o seu tempo presente, sua avaliação passa por uma ressignificação, na medida em que sua memória começa a lembrar de fatos e imagens do passado vivenciados em grupo. Aqui ser leiteiro significa a possibilidade de se relacionar com o homem do campo.

Por exemplo, eu parei agora, mas dá saudade (de) você estar mexendo com aquilo lá... ‘Nem, eu não mexo com isso mais, Deus me livre disso aqui ... Hoje eu tenho saudade, é bom, eu me lembro..... Amigo de todo mundo na roça, você levando encomenda para o povo.. e ali é.... você chegava na fazenda naquela fome, rapaz... A fazenda sempre tinha um lugar para você... para a gente comer alguma coisa... (FERNANDES, 2019, p. 6).

Em outro trecho ele rememora que ser leiteiro significa em muitos momentos não ser reconhecido por sua importância, ser ignorado, significa sofrer.

Mas não se esquecem de pedir as coisas para a gente não, e não ajudam também. Às vezes você quebra a camionete, você chega no cara, assim, muitos ajudam, muitos já não gostam de ajudar, sabe... E ali você fica agoniado, porque o ‘trem’ fica quebrado ali, e você vai perder o leite... E é assim, se perder leite, na hora que vai levar o acerto do leite, por exemplo, você que é fornecedor, você apela com a gente, fala assim: ‘ô, mas o meu leite deu ácido, cara, pô’, mas o cara não quis te ajudar quando você estava quebrado lá. Entendeu? Então, **ser leiteiro não é brincadeira não, velho, sofre mesmo.** (FERNANDES, 2019, p. 6, grifo nosso).

A primeira observação de Vandervino sobre o que significa ser leiteiro, é que aquele leiteiro do período em que ele atuou praticamente desapareceu, apontando que, dele, só existe o “Coelho” (apelido dado ao leiteiro Luis Lara), que ainda resiste mesmo em meio às dificuldades. Provavelmente ele está se referindo ao baixo preço pago ao leiteiro pelo frete, e também às proibições impostas pelas legislações sanitárias, que praticamente eliminaram o chamado leiteiro tradicional, aquele que coletava leite em latões e o transportava em camionetas

até o laticínio.

Ele demonstra uma certa nostalgia, um certo prazer pelo tempo em que era leiteiro, mesmo em meio as dificuldades, apontando para o longo tempo em que atuou na linha de leite e também pelas amizades que estabeleceu, como sendo comprovantes desse sentimento. Um fato que chama a atenção é que inicialmente ele atuou como ajudante de leiteiro, e só depois conseguiu adquirir a linha e uma camioneta para transportar o leite, tornando-se um trabalhador autônomo.

Embora seu depoimento aponta para a ideia de que ser leiteiro foi uma escolha de vida, chama a atenção a idade em que ele foi trabalhar como ajudante, aproximadamente 13 anos de idade, tendo em vista que ele nasceu em 1953 e em 1966 já estava atuando como ajudante na linha de leite, o que provavelmente aponta para a conclusão de que ele teve que muito cedo optar entre estudar e trabalhar, até porque como ele deixa claro, ele tinha que levantar todos os dias as quatro horas da madrugada e durante toda a manhã atuava coletando leite, exatamente no período de funcionamento das escolas.

Provavelmente sua infância e adolescência foram marcadas muito mais pela intensidade do trabalho e ausência de sua residência, do que pelo lazer, e pelo convívio no lar com os pais e irmãos. Do depoimento se chega à conclusão que parecia não haver pelo menos na época, políticas públicas municipais de combate ao trabalho infantil e nem de apoio a permanência na escola. Igualmente parece apontar para a não existência de políticas de assistência social que ajudassem a melhorar a renda das famílias, uma vez que os filhos, ainda crianças e adolescentes já precisavam ir para os postos de trabalho.

Bom, daquela época para hoje? Bom, hoje praticamente quase não existe já... Como nós já falamos, aqui no nosso Município, como foi dito há pouco, ainda que existe, é o Coelho, com muita dificuldade para fazer essa linha que ele está fazendo hoje. Mas na época realmente era uma coisa é... eu particularmente gostava muito, tanto é que eu fiquei um bom tempo, trabalhei como ajudante, como funcionário... Depois que a gente veio a adquirir a própria linha, que eu iniciei com o senhor Jerônimo e depois a gente adquiriu ela, e aí continuei por esse tempo que eu já disse, de mais ou menos uns doze anos, mas para hoje é até difícil de dizer porque praticamente não tem, mas se tivesse com certeza seria muito mais fácil, Erick, porque naquela época era muito difícil. Ainda existem algumas pessoas aqui que eu posso citar. Um exemplo claro que você conhece bem: a dona Aricilda ali que era. (MOTA, 2019, p. 3).

Já para o senhor Albertino, ser leiteiro tinha outro significado, diferente do sentido atribuído por Vandervino. No seu caso, se deu muito mais em virtude da falta de emprego no povoado do Veríssimo, local onde ele viveu por muitos anos, do que propriamente por uma vocação, um desejo, ou uma escolha de vida. Albertino, assim como Vandervino, enfatiza a

vida dura do leiteiro, que tinha que acordar muito cedo (madrugada), todos os dias, percorrer as várias fazendas e retornar muito tarde para a casa para se ter o descanso.

Ah, ó, naquela época, o leiteiro... é que não tinha outros ‘trem’ para fazer, aí a gente tinha que... trabalhar de leiteiro. Era muito trabalhoso, porque você saía cedo e chegava era mais tarde. Ah, porque não tinha outras coisas para fazer. Aí tem que mexer. E naquilo, os fazendeiros entraram no meio, arrumaram... queriam que a gente fosse trabalhar, e, graças a Deus, trabalhei muito tempo, e tudo, era muito certo com o negócio, o povo dá muito valor na gente. (CARNEIRO, 2019, p. 3)

Para Luís Lara, o “Coelho”, ser leiteiro é algo que se mistura com sua própria vida, algo que lhe traz prazer, apesar das dificuldades, algo que lhe trouxe realização, uma hábito de mais de quatro décadas: “Ah, o tal de ser leiteiro, gente, parece que foi um vício, por muitos anos nós mexemos com isso, vai completar quarenta anos que eu mexo com leite, quarenta! Nós começamos em 1979”. (CARDOSO, 2019, p. 1 – 2).

O ex leiteiro Vanildo também rememora o que significa ser leiteiro, reforçando toda a dificuldade que permeava a atividade.

É um trabalho diário. Não é fácil porque a situação... quando a gente puxava leite, as estradas... era bem mais difícil, era complicado e não tinha, como tem hoje... As prefeituras ajudam mas antigamente era... chovia mais, era bem mais difíceis as coisas, então foi um período assim de... muito difícil que a gente passou nesse serviço, transportando leite. Mas uma coisa boa também é que cada dia que passava parece que ia melhorando, você ia se acostumando e foi dando certo. (BORGES, V., 2019, p. 2)

Valmir tem uma concepção diferente do que significa ser leiteiro em relação aos outros depoimentos. Ele não descreve as dificuldades cotidianas da atividade. Ele prefere falar da possibilidade de fazer parcerias, da criação de vínculos. Ser leiteiro não era apenas uma profissão baseada no formalismo, era ser solidário com o camponês. Ser leiteiro era de certa forma uma tentativa de ajudar o camponês daquela situação de subordinação ao capital industrial, porque ao ajuda-lo, ele poderia produzir queijo do seu leite e não entrega-lo ao laticínio.

Rapaz, ser leiteiro é uma coisa difícil, viu? É... eu acho que o leiteiro é mais um parceiro dos produtores... Porque, assim, você... é como uma troca de favores. Vamos supor... eu pegava leite deles em troca de... porque eles mesmos poderiam fazer, industrializar o leite deles de outra, outro jeito lá. Queijo, eles mesmos fazerem. Mas aí, nós fazíamos assim: ‘você leva meu leite’, você ‘precisa de um soro aqui em casa, você traz para mim’... o fazendeiro falava essas coisas. Então levava soro, sal, o que eles precisavam, (a gente) fazia. No outro dia cedo, a camionete ia cheia de ‘trem’ para levar para eles. Não cobrava nada. Isso era uma parceria que a gente tinha. Porque você vai, até pensava assim, eu até pensava assim: se eu der mais ração, der um sal, vai até aumentar o leite para eu puxar. Eu fazia até com prazer em

fazer isso, sabe? (ROSA, 2019, p. 7).

Azarias fala que ser leiteiro significa ter uma responsabilidade com o camponês, significa ter que acordar e levantar de madrugada todos os dias. Significa ser solidário com o sofrimento do camponês, ajudando-o na lida diária de ter que tirar o leite *in natura*. Além disso, ser leiteiro é estar regido pelo tempo do laticínio.

Rapaz é uma luta feia, né é uma responsabilidade enorme porque levanta cedo de madrugada, auxilia os produtor nas primeira fazenda ajuda eles tira o leite para andar mais rápido, né e uma correria feia porque tem horário para chegar lá na empresa e o leite perdeu já começa a criar problema com o produtor então é brabo ser leiteiro, custoso. (FERREIRA NETO, 2019, p. 2)

Niese Felício dos Santos revela que ser leiteira era também uma atividade de mulher, mesmo num ambiente extremamente masculinizado. Ser leiteira significava vivenciar o conflito de ser uma mulher pra além do seu tempo, rompendo as barreiras do preconceito. Significa trabalhar praticamente todos os dias do ano, mas ao mesmo respeitar uma tradição religiosa católica de não trabalhar na sexta feira da paixão de Cristo.

É uma coisa assim... que parece que você acha aquilo meio esquisito, e tudo, mas parece que ao mesmo tempo era bom, [risos] você ter... você levantar todo dia de manhã, sabia que você tinha uma coisa para fazer, uma obrigação... Aí aquilo era uma rotina... Porque era todo dia mesmo, só na sexta-feira da paixão que não ia, mas era uma coisa que a gente gostava, fazia aquilo como uma profissão, que a gente gostava. (SANTOS, 2019, p. 2)

Outras perguntas agora começam a ser acrescidas, como esses sujeitos se tornaram leiteiros? Quais fatos teriam motivado essa decisão? Os motivos são diversos, e vão desde a busca por melhores condições de vida, influência de alguém na família, ou até por fuga de problemas familiares.

Para Luís Lara, a decisão de se tornar leiteiro guarda relação com a infância e adolescência sofrida no campo, bem como por problemas familiares enfrentados com seu pai.

Da noite pro dia nós já tínhamos vontade de ter uma linha de leite para nós. Naquele tempo era duro, né. Naquele tempo, vou contar para você, nós trabalhávamos demais. E com o meu pai lá, menino, a barra lá é pesada, trabalhava semana inteira, no final de semana é que o velho pegava o dinheiro. Meu pai, uai. Dava nada para nós não. Morava com ele lá. Nós éramos ao todo, nós éramos onze. Meu pai era o Floriano Lara Cardoso, popular Pataca. Minha infância foi assim, guiando boi. É capaz de você nem saber o que é isso direito, ou sabe? Sabe não, né. Arando roça a boi. Naquele tempo não tinha trator, era esse sofrimento, né. tem que sair, né? Pode ficar no sofrimento direto não (CARDOSO, 2019, p. 5 – 6)

Em outro trecho da entrevista, Luís Lara relata um possível drama vivenciado com a

família, o qual também teria sido um elemento emocional motivador para sua saída de casa, e consequentemente ter se tornado leiteiro. É possível dizer também que ser leiteiro foi uma forma de fugir da violência doméstica.

É... Não, a gente não conseguia morar mais com o pai, né. (Ele) arrumou outra mulher, para você ver como é o ‘trem’, moleque nós tudo moleque, ainda sofria, sê besta. Aí nós viemos... não, não, antes nós viemos para Goiandira, aí, antes disso aí... nós viemos para Goiandira. Entramos no Batalhão, só eu e Silvio. O resto ficou lá, meu pai ficou lá mais a madrasta. (CARDOSO, 2019, p. 8)

Em outro momento da entrevista Luís explica que antes de se tornar leiteiro, ele e seu irmão toma a decisão de mudar para a cidade. A cidade nessa época vivia um período de prosperidade financeira em virtude de uma grande obra do governo federal executada pelo Batalhão Ferroviário, que era o grande empregador da região. Os irmãos trabalharam um tempo, ajuntaram recursos e finalmente decidiram pela aquisição da linha de leite.

[...] nós saímos do Batalhão, eu mais o Sílvio, Batalhão Ferroviário. Fazia, fez essa estrada de ferro aqui, ó. Aí, com os direitos, nós compramos uma camionete e começamos, eu mais ele, ele como... eu como sócio dele. (CARDOSO, 2019, p. 2)

A atividade lhe possibilitou a independência financeira e com ela realizar sonhos e conquistar objetivos, como por exemplo o da sua casa própria e também de suas duas filhas.

Uma profissão, Lógico, uai! Eu não posso negar nada não, que deu ‘uns trenzinho’ para mim. Deu uma casinha ruim que nós temos... fiz uma para cada uma das filhas, tudo, de puxar leite. Foi, foi bom demais. (CARDOSO, 2019, p. 3)

O ex-leiteiro Valmir alimentou o desejo de se tornar leiteiro em um primeiro momento, estimulado pelo sucesso financeiro experimentado por tio Saulinho, cujo apelido era Pelusco. Ele também teria se motivado por uma promessa feita a ele por seu tio, de que ele herdaria uma linha administrada por ele, que diga-se de passagem era extremamente lucrativa pelo volume de leite recolhido. Antes, porém, que a promessa se concretizasse, Pelusco acabou tragicamente assassinado.

O leiteiro era uma profissão invejada e cobiçada, onde se poderia pagar com a própria vida pelo sucesso. Tanto que seu tio, ao que tudo indica teria sido assassinado exatamente por conta dos lucros auferidos com a atividade.

Rapaz, eu me lembro... É porque meu tio ‘Saulinho’, o ‘Pelusco’, que eles falavam... Puxava leite e eu... E ele falava que dava um dinheirinho. É, meu tio ‘Pelusco’ já era leiteiro. Ele era tio da minha mulher, mas estava com minha tia, era meu tio também. E ele falava para mim: ‘o dia que eu largar de

puxar leite, eu vou te dar minha linha de leite; se você quiser e se ainda tiver... às vezes você está melhor de vida, não sei se vai querer...'. Falei: 'não, eu quero. Aí foi logo eu arrumei essa lá e eles mataram ele na linha de leite para tomar a linha de leite dele. Aí eu... É até uma linha de leite que ele ia largar no outro ano, seguinte, morreu um ano antes. Disse que iria me dar ela de presente, para mim, não sei o quê, que era uma linha muito boa na época. Dava aí uns dois mil e quinhentos, três mil litros de leite por dia para puxar. (ROSA, 2019, p. 4).

Em outro trecho da entrevista Valmir reforça a influência do seu tio Pelusco t em sua decisão, mas também fala da motivação financeira, trazendo inclusive alguns números e comparações de quanto ele poderia ganhar exercendo a atividade.

Virei leiteiro a partir da convivência com tio 'Saulinho' meu tio 'Pelusco. Foi, porque na época, ser leiteiro não era ruim. Você ganhava dez centavos por litro de leite, quem puxava aí mil e quinhentos litros de leite dava um salarinho bom por mês. Dava o quê por dia, dava uns cento e setenta reais por dia... Vamos supor, mil e setecentos, mil e quinhentos, cento e cinquenta reais. Botijão de gás, era três reais o botijão de gás. (ROSA, 2019, p. 5).

Para o ex-leiteiro Azarias, a sua constituição em leiteiro também foi a forma encontrada inicialmente para melhorar de vida, mesmo em meio às lutas cotidianas que o trabalho lhe impôs. Semelhante ao Luís Lara, a atividade também foi uma forma de se libertar do jugo das atividades rurais quase que impostas pelo pai.

Cola de pai, né perto de pai e trabalhando mesmo trabalhando em ferramenta mesmo... roça, capina ai depois que eu arrumei esse serviço ai para ganhar alguma coisa mas antes nem salario não tinha nada, né. Agente não parece que não tinha muita vontade estudar, né assim pai também não incentivava porque o negócio era só fazenda, né só roça e serviço. Provavelmente no começo meu pai não achou nem muito bão não, né porque eu ajudava ele aqui na propriedade, né, é. Rapaz nós somos seis mais são cinco mulher e eu, né. (FERREIRA NETO, 2019, p. 3 – 4).

Num ambiente onde a presença do homem era majoritária, encontramos uma mulher que descreve todas as dificuldades inerentes à atividade. Ela em seu fazer-se leiteira, teve que conviver com a dupla jornada, a discriminação, a violência emocional, o preconceito e superá-los.

A primeiro grande desafio era conciliar a tripla jornada: a primeira, de leiteira; a segunda, de confeccionar produtos que seriam revendidos na cidade; e a terceira, a de dona de casa sem ajudante.

É. Ainda outra, assim, que, na nossa época, a gente tinha muita encomenda na cidade. Às vezes, se entregasse o leite lá 12:00, 12:30, que sempre a... teve uma época aqui alguns anos, que foi assim: até 12:00 você tinha que estar lá. Aí, até que você fazia as encomendas todas na rua lá em Catalão, já era umas 14:00, você chegava em Goiandira e tinha muita encomenda ainda, para você

fazer de novo... Aí, quando você ia parar já estava de tarde, mas aí eu cozinhava, lavava roupa, arrumava casa, fazia tudo. (SANTOS, 2019, p. 28)

Niese rememora que a violência psicológica foi um outro drama a ser superado, ao dizer que muitas vezes ela era tratada como homem.

Não. Na minha região, onde eu morei por toda a vida, todo homem me tratava bem, já era rindo e tudo e conversando, tudo na amizade. Agora quando saía fora, ficavam, eles ficavam meio assim... Porque quando mexia com caminhão era a mesma coisa. Por eles, se eu estivesse lá com um chapéu, uma camisa, e nesse tempo já se calçava botina, era um homem que estava chegando lá, para eles. Agora, quando começava a conversar, aí já mudavam as ideias. (SANTOS, 2019, p. 56)

Em outro momento da entrevista afirma ter sido vítima de preconceito ao percorrer as propriedades rurais coletando o leite.

Oh, nessa época, como foi, assim... fora... No lugar onde todo mundo me conhece, não tem isso, ninguém me olha assim ... Mas em lugar que às vezes você não tem muito conhecimento, as pessoas já... aí você tem preconceito mesmo. É. Aí você já tem. (SANTOS, 2019, p. 56)

Mais uma vez Niese rememora a violência psicológica e emocional que sofreu durante o tempo em que atuou como leiteira. Dessa vez ela relata a desconfiança e o escárnio que sofrera por conta de sua gravidez.

Até quando eu fiquei grávida do Renato, ainda tinha gente que falava assim: 'Ó, mas ela pegou esse menino foi para criar, esse menino não é dela não, não vi ela grávida!', desse jeito. Porque tinha gente que me via só trabalhando, achava que se tivesse grávida, não podia trabalhar, tinha que ficar em casa. (SANTOS, 2019, p. 56)

A estratégia encontrada por Niese para superar todos os preconceitos era o trabalho. Tanto que ela agora descreve que mesmo grávida e prestes a dar à luz, faltando um dia, ela continua laborando.

Mas eu não. Eu, até um dia antes de eu ganhar o Renato, de eu ter ele, eu ainda fui na roça levar umas sementes de braquiara para um tio meu plantar lá e... Pegar um 'capado' lá para levar na outra fazenda para ele. Se eu vou, temos... Aí a camionete estragou, não deu, ficou para o outro dia. No outro dia, que nós íamos levar.. Ainda ganhava esse menino lá com a minha avó, porque minha avó era parteira. (SANTOS, 2019, p. 57)

Embora a atuação como leiteira não tenha comprometido a sua única gravidez, é fato ela tirou de Niese a chance de ter mais filhos, pois ela teve que escolher entre o trabalho e a maternidade. A intensidade e o cotidiano da atividade de leiteira lhe causaram mais essa violência.

Mas era bom.É, até bom e eu tive uma gravidez boa, sadia.... Não tive nada, problema nenhum. Apesar de eu passar dez anos, mas.. Só um. Aí (quando) eu já fui ter, eu já estava com uns trinta, aí eu já não tive coragem de arrumar mais, porque já estava velha para arrumar mais filhos. (SANTOS, 2019, p. 57)

Em outro trecho da entrevista, Niese relata como enfrentou toda a violência e preconceito a qual ela foi submetida. As vezes ela externava toda a sua raiva, compreensível por toda violência acumulada e também pela falta de apoio por parte de seu marido, que ao invés de se colocar do seu lado, enfrentar e denunciar, simplesmente a aconselhava a deixar pra lá. Como se fosse possível deixar pra lá ferimentos que marcam a alma.

Ah, eu... Tinha hora que eu enfezava. Você apela, você acha aquilo ruim, explica... Mas eu falava para o meu marido e ele: ‘Ah, larga isso para lá, gente bobo! Gente bobo que é desse jeito!’, e não sei o quê, aí eu levava era assim: ‘Ó, não estou nem aí!’. Eu estou fazendo o que eu gosto, o que eu sei fazer, o que eu gosto, eu estou vivendo, não tem ninguém cuidando de mim... não tinha lei nessa época. Não, não, tinha não. Eu pegava e largava, deixava. (SANTOS, 2019, p. 58).

Niese infelizmente nunca encontrou apoio de sua família durante o tempo em que foi leiteira, Nas palavras dela,

A família...Ah, eles brigavam comigo, falavam assim: ‘Isso não é serviço para mulher fazer não!’, e eu falava: ‘Eu não estou morrendo, estou dando conta de fazer, gosto de fazer.’. Até hoje, quando ainda (tenho esse trabalho) ainda, eles brigam comigo, aí eu falo para eles: ‘Não, agora estou ficando velha, agora vou parar.’. : Eu já vi muita mulher carregar leite, mas, assim, botava os latões, era creme, era leite, na carroça de cavalo, e carregar para chegar na cidade porque morava perto. Isso aí eu vi fazer, mas puxar... (SANTOS, 2019, p. 59)

O segundo estágio da atividade do leiteiro revelou além das dificuldades diárias e cotidianas, uma complexa relação com a prefeitura. Nesse sentido, o leiteiro também muitas vezes teve que assumir as responsabilidades que deveriam ser executadas pelo poder público, como por exemplo, dar manutenção nas estradas. O relato do ex-leiteiro só reforça o quão penosa era a atividade do leiteiro, como enfatiza o Aparecido:

Rapaz, era a Prefeitura, cara, mas não zelavam bem não naquela época. Patrolavam mais ou menos, como falei para você, não cascalhavam, tinha atoleiro demais. A gente já estava era na raça mesmo. Não tinha ponte, não tinha nada não. Às vezes, se chovia de madrugada, no outro dia você não passava, porque estava cheio... Muitas vezes, como eu estou falando para você, às vezes nós chegávamos até cedo, depois que a gente acabava tudo e entregava o leite, você chegava e trabalhava até 18:00, achando cascalho, pedra, para ir jogando naqueles lugares mais ruins para você passar no outro dia. Ah, tinha que ter enxadão para arrancar um cupinzeiro, cara. Cupinzeiro era a salvação nossa aí nesses atoleiros, nas gramas. Cupinzeiro não molha dentro, só molha a capa (FERNANDES, 2019, p. 60 – 61)

No caminho do leiteiro, eis que surge um grande drama, o uso de uma droga que se converte numa doença que mata aos poucos, o alcoolismo. Provavelmente seu consumo funcionava como um estimulante, e até mesmo como uma espécie de anestésico, visto que o leiteiro obrigatoriamente tinha que sair diariamente para o trabalho nas madrugadas, adentrando córregos, enfrentando frio intenso, como aborda o Aparecido:

Eu já fui cachaceiro já, cara, eu viciiei em pinga. Tudo quanto é fazenda que eu chegava, tinha pinga... Aí, fui em tantas, que o povo gostava de mim, que eu chegava nas fazendas mais... Eles já não me davam mais pinga não, já estavam era moitando (escondendo) a pinga. Passei a levar, sabe... Hoje muitos caras falam para mim, falam assim: ‘ô Preto, na época que você puxava leite para cá nós doidinho para ir embora de tarde do serviço, você apontava lá nós tudo escondia de você’. ‘Mas por quê?’. ‘Porque você andava, só andava tonto, nós tinha medo de você capotar essa camionete e matar nós’. Todo leiteiro é meio doído... [...] Eu era bem... Gostava de uma cachaça. [...] Nós saíamos daqui 4:30. Portanto que, como eu falei para você, bebia demais e na hora que eu chegava da rua, a hora que eu deitava, ‘Birro’ passava correndo na porta e buzina. Menino do céu, eu saia vomitando daqui até Davinópolis... Nossa senhora! [...] Eu gostei mais porque arrumei uma namorada lá naquela barra lá em Davinópolis Fiquei apaixonado demais naquela época, ô, mas era bonita, rapaz, eu namorei ela uns dois anos. Mas acabou... Naquela época eu era mala demais, bebia demais, não dava conta nem de comprar aliança para ficar noivo, aí ela era assim, com um tal de ‘ei, amor’... Primeiro dia que eu vi ela, invoquei nela rapaz. foi indo, não aguentei mais não, sabe? E falei para o ‘Birro’ um dia: ‘Birro, não vou puxar esse leite de Davinópolis mais não. Eu não aguento mais não VINO, eu estou secando cara, ó aqui, não estou dormindo mais, eu encosto a cabeça no travesseiro e você chega, uai!’. E ele: ‘Cria vergonha, larga essa cachaçada sua!’, eu, não... (FERNANDES, 2019, p. 9; 13; 27; 28)

Luís Lara também revela seu drama com o alcoolismo:

Eu, carregar mesmo, para mim, eu não carregava não, mas tudo quanto é fazenda tinha, aí, eu, ‘tumba’, bebia muito, meu normal era bêbado. Vinha tonto. Todo dia mesmo... comprava uma garrafinha, trazia para cá, aqui mesmo ele já bebia cedo e saía. (CARDOSO, 2019, p. 89 - 90)

O leiteiro exercia muitas vezes um papel educativo e disciplinador sobre o tirador de leite e o camponês no processo de produção do leite. As orientações partiam do laticínio.

O ‘Guim’: ‘Preto, tá dando água no leite’. Depois mais um pouquinho, você tem que pegar um punhado de dias. Vou pegar desse caboclo aí, você vai e marca os latões todos. Falei assim, é, pega todos esses latões para mim. Eles eram cinco. Os latão 010, latão 10, 01, 02, ali é 15, é 20... E eu pego. E pega, rapaz. Aí falam assim: ‘o latão tá marcado’. Aí o ‘Guim’ lá, chega lá no alisarol, ‘ó, Preto, esses latão aqui!’. ‘Que número que eles é?’. ‘O 05’. ‘Deixa eu ver de quem que é’. Aí você vê, o 05 é do ‘Zé Afonso’. Ah, peguei, pronto. Aí já pegava o leite e, foi o dia que eu peguei o coitado do cara e, nossa, o cara é amigo meu, aí cheguei nele lá e falei para ele, um cara novinho que estava trabalhando para tirar leite, cheguei nele e falei assim: ‘ô, sinto muito te falar um negócio, cara. Mas tem um leite, e já tem muitos dia que ele tá dando água,

nós tirou uns latão e pegou o leite e é daqui’. ‘Não, mas eu não faço!’. ‘Não adianta, ó aqui pra você ver, ó’. Nós mostramos para ele. Aí ele ficou sem graça (FERNANDES, 2019, p. 43)

E finalmente, observamos que o novo leiteiro estabeleceu cotidianamente outras relações para além das relações econômicas e mercadológicas. Havia muita amizade, companheirismo, compadrio, acolhimento. Como a grande maioria dos produtores rurais não possuíam veículos próprios, e como também não existia a figura do transportador escolar (Kombi), o leiteiro era o elo entre o campo e a cidade, o grande responsável por ajudar a solucionar até mesmo problemas de saúde vivenciados por todos ali na fazenda.

Vino, o vereador lá, aí nós ficávamos doidinhos para chegar lá, nós já chegávamos lá: ‘acaba de pôr o latão e vem para dentro’. Rapaz, eu ia para dentro, aquela mesa cheinha de pão de queijo, biscoito, mané pelado, leite quentinho, sabe? Então era muito bom, senhor Antônio Messias e a dona Mariinha ali ó. Naquela época não tinha Kombi escolar não, sabe... Então, tudo que ia comprar dependia do leiteiro. Um remédio, é, um remédio para dar para o gado, é ração, tudo quanto há, não tinha Kombi, não tinha esses ‘trem’, não tinha nada não, sabe... Então o leiteiro fazia tudo, sabe (FERNANDES, 2019, p. 8)

Ao final do capítulo, chegamos à conclusão de que a reestruturação da agroindústria láctea colaborou para o aparecimento do segundo estágio da atividade do leiteiro. Esse novo leiteiro, o tradicional, constitui-se como um trabalhador autônomo e não mais como um trabalhador contratado formalmente pelo laticínio. Nesse novo formato, ao invés do transportador visitar as propriedades rurais e recolher o creme uma única vez na semana, ele passa agora a visitá-las diariamente, recolhendo o leite todos os dias, percorrendo uma rota que é chamada de “linhas do leiteiro”, exercendo um papel educativo e disciplinador desde a produção até o comércio do leite, atuando como protagonista na intermediação entre a indústria e o camponês, e também colocando-se como elo entre o campo e a cidade. Essa nova relação entre o leiteiro, o camponês e indústria implicará em uma menor autonomia do campesinato em relação à indústria.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atividade do leiteiro, ao que tudo indica, aparece pela primeira vez em Goiandira, nos primeiros anos da década de 1950, atrelada ao surgimento dos Laticínios Wanda na referida cidade, intermediando a relação entre o camponês e a indústria.

Entretanto, é importante destacar que, a atividade do leiteiro e sua complexa relação com a indústria e o camponês, sofreram transformações ao longo dos anos de 1950 até os dias atuais. Essas mudanças estão associadas a evolução industrial moderna do Brasil, a modernização da agricultura, a expansão da fronteira agrícola, ao tipo de produto transportado, ao formato da contratação dos serviços pela indústria, bem como aos papéis desempenhados pelos transportadores, e podem ser divididas em três estágios.

O primeiro estágio, ou primeiro momento dessa metamorfose, marca praticamente também o início da atividade do leiteiro e ocorre nos anos de 1950, quando os leiteiros eram chamados de “cremeiros” pelos próprios produtores e pelo laticínio, tendo em vista que transportavam o creme, um derivado do leite que era utilizado como matéria-prima para a produção de manteiga, percorrendo uma rota que era chamada de linhas do cremeiro.

Nesse primeiro momento o leiteiro ou cremeiro, se constituiu a partir de uma relação formal de trabalho com o laticínio, cujo o vínculo era a carteira de trabalho assinada como motorista. Cabia a ele recolher o creme nas propriedades rurais e transportá-lo até a indústria em um veículo (caminhão), que era de propriedade do laticínio, realizando a coleta apenas uma vez na semana. De forma que era o leiteiro o responsável pela chegada da matéria prima para fazer até a indústria.

Até aquele momento praticamente não havia veículos automotores na cidade e muitos produtores também não possuíam veículo próprio, o que nos faz crer que o camponês possuía dificuldades de transportar qualquer produto do campo para a cidade, sobretudo o leite, devido ao seu processo natural de azedamento. O transporte de produtos do campo para a cidade era feito por tração animal, fato que praticamente impedia a entrega da matéria prima com a rapidez e qualidade que o laticínio exigia, o que levou o laticínio a adquirir um caminhão, bem como contratar um motorista para realizar o transporte da matéria prima para a fabricação da manteiga.

Esse formato inicial do transporte, implicou em uma menor submissão do campesinato à indústria, em virtude de dois fatores: Primeiro porque não havia uma coleta diária do creme, ao contrário, o leiteiro/cremeiro percorria a linha (rota), uma vez por semana, conseqüentemente visitava a propriedade também uma única vez na semana, conforme. Em

segundo, porque o produtor poderia destinar o leite e o soro por exemplo, para tratar de sua criação de suínos, ou até de outras criações. Esses dois fatores a nosso ver caracterizava portanto uma maior autonomia e controle sobre sua produção por parte do camponês.

Um outro aspecto que merece ser observado é que nesse primeiro momento de constituição da atividade do leiteiro, ele não exerceu um papel educativo e disciplinador sobre o camponês, acerca da observância de cuidados com questões sanitárias, como higienização pessoal, ou das dependências, ou dos utensílios, conforme se pode verificar nas palavras do senhor João Teles:

Então despejava, o creme vinha da roça, o creme que vinha da roça - tinha até lixo no creme na época, que fazendeiro deixa latão destampado -. Então chegava, aí nós dissolvíamos aquele creme, despejava primeiro no tanque de mil, despejava tudo (TELES, 2019, p. 12)

Esse primeiro estágio da atividade do leiteiro/cremeiro e da sua relação com a indústria e o camponês, praticamente chega ao fim nos primeiros anos da década de 1970 quando os Laticínios Wanda entra em processo de falência, inaugurando -se um novo estágio na atividade do leiteiro, e uma nova relação entre a indústria, o camponês e o leiteiro, que combina elementos econômicos e culturais.

A falência dos Laticínios Wanda, e o aparecimento de um novo ciclo, onde o produtor começa a vender leite e não mais creme, inicia-se ainda em meados da década de 1960 e finda-se nos primeiros anos da década de 1970, e ao que tudo indica, estaria associado ao processo de evolução industrial moderna no Brasil e a nova divisão territorial, que trouxeram como consequência a modernização da agricultura, a expansão da fronteira agrícola, que articulados produziram impactos sobre a agroindústria laticineira brasileira, regional e local, colaborando para o aparecimento do segundo estágio da atividade do leiteiro.

Nesse novo estágio, o leiteiro é um trabalhador autônomo, que exerce o protagonismo no processo de subordinação do produtor à indústria, na medida em que se coloca não só como mediador entre camponês e a indústria, mas ele se insere no processo produtivo visitando e recolhendo o leite das propriedades rurais todos os dias e levando-o à indústria, desempenhando um papel educativo e disciplinador da produção e estabelecendo cotidianamente outras relações para além das relações econômicas e mercadológicas.

Por outro lado, observa-se que durante muito tempo o leiteiro se tornou uma alternativa de sobrevivência para os produtores, que por não conseguirem se adequar as normas sanitárias cada vez mais rígidas, que entre outras proibições impedia a comercialização do leite direto com consumidor, viam no transportador a única forma de complementar sua renda e a

permanecer na zona rural, através da venda do seu produto ao laticínio intermediada por ele.

Nesse sentido, a regulação sanitária estatal foi extremamente prejudicial aos camponeses, que não conseguindo se adequar a legislação, tendem a vender suas propriedades, ou arrendá-las para a produtores de soja, e posteriormente migrar para a cidade.

A solução encontrada para esses camponeses que não conseguem se adequar as normas sanitárias de maneira individual, é a associação para aquisição de um tanque de resfriamento de leite que possa ser utilizado de maneira coletiva. O equipamento é instalado na propriedade de um destes e os outros levam sua produção até lá.

Contudo é oportuno lembrar que mesmo os tanques comunitários precisam se adequar as normas e só podem funcionar temporariamente, além do que as propriedades só podem estar distantes no máximo 5 km do tanque, o que nos leva a crer que a tendência será o abandono da atividade pelo produtor.

Uma outra estratégia adotada pelo camponês e que vem aumentando ano a ano é venda informal do leite. Contudo não se sabe até quando a indústria não acionará o Estado para coibir tal prática.

Em relação aos leiteiros, constatamos que nesse segundo estágio o leiteiro além de desempenhar o papel de protagonista na subordinação do camponês à indústria, ele se colocou como elo entre o campo e a cidade, na medida em que além do transporte do leite, se encarregou de trazer as "modernidades" da cidade para a zona rural.

Pudemos constatar através das entrevistas, que a maioria dos entrevistados, diante do avanço da regulação sanitária estatal e da reestruturação da agroindústria laticineira, perderam seus empregos e se dedicaram ao frete de produto ligados à pecuária leiteira, mas também ao frete de produtos ligados a atividades urbanas que não possuem nenhuma relação com a agropecuária.

## REFERÊNCIAS

- BORGES, L. D.. **Entrevista II** [2019] (76 min.). Íntegra da transcrição no Apêndice B.
- BORGES, V. A.. **Entrevista XI** [2019] (61 min.). Íntegra da transcrição no Apêndice K.
- BRASIL. Decreto nº. 1.606, de 29 de dezembro de 1906. **Crea uma Secretaria de Estado com a denominação de Ministerio dos Negocios da Agricultura, Industria e Commercio.** Diário Oficial, 3 jan. 1907, p. 65. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1900-1909/decreto-1606-29-dezembro-1906-582057-norma-pl.html>. Acesso em: 29 ago. 2019.
- BRASIL. Decreto n.º. 7.622, de 21 de outubro de 1909. **Crêa a Diretoria de Indústria Animal.** Diário Oficial, 27 out. 1909, p. 7.741. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1900-1909/decreto-7622-21-outubro-1909-524692-norma-pe.html>. Acesso em: 29 ago. 2019.
- BRASIL. Decreto nº. 8.331, de 31 de outubro de 1910. **Crêa o Serviço de Veterinaria, no Ministerio da Agricultura, industria e Commercio, e approva o respectivo regulamento.** Diário Oficial da União, 4 nov. 1910, p. 9197. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1910-1919/decreto-8331-31-outubro-1910-513220-norma-pe.html>. Acesso em: 29 ago. 2019.
- BRASIL. Decreto nº. 19.448, de 3 de dezembro de 1930. **Dá nova denominação ao Ministério da Agricultura, Industria e Comércio; estabelece normas para o funcionamento dos serviços sob sua jurisdição até que sejam remodelados os regulamentos atuais, e adota medidas tendentes à simplificação dos serviços burocráticos nesse ministério.** Diário Oficial da União, 7 dez. 1930, seção 1, p. 21.958. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19448-3-dezembro-1930-508981-norma-pe.html>. Acesso em: 29 ago. 2019.
- BRASIL. Decreto nº. 30.691, de 29 de março de 1952. **Aprova o novo Regulamento da Inspeção Industrial e Sanitária de Produtos de Origem Animal.** Diário Oficial da União, 7 jul. 1952, seção 1, p. 10.785. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1950-1959/decreto-30691-29-marco-1952-339586-norma-pe.html>. Acesso em: 29 ago. 2019.
- CANO, W.. **Raízes da Concentração Industrial em São Paulo.** Campinas – SP: Unicamp, 1977.
- CARDINI, F.. Un sociologo al Santo Sepolcro. In: HALBWACHS, M. **Memorie di Terrasanta.** Veneza, Itália: Ed. Arsenale, 1988, p. vii-xxiv.
- CARNEIRO, A. J.. **Entrevista VI** [2019] (75 min.). Íntegra da transcrição no Apêndice F.
- CARDOSO, L. L.. **Entrevista III** [2019] (58 min.). Íntegra da transcrição no Apêndice C.
- CHAYANOV, A.. Sobre a teoria dos sistemas econômicos não capitalistas. In: CHILDE, V. G.. **A Evolução Cultural do Homem.** Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1981.

COLLINS, P.. **Both Sides of the Story**. New York, Estados Unidos da América: Atlantic Records/WEA, 1993.

DAYRELL, E. G.: **O PCB – GO: 1936 – 1948**. 1984. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, 1984.

DOBB, M.. **Os Salários**. São Paulo: Cultrix, 1977.

FERNANDES, A. V. M.. **Entrevista VII** [2019] (82 min.) Íntegra da transcrição no Apêndice G.

FERREIRA NETO, A. A.. **Entrevista VIII** [2019] (69 min.). Íntegra da transcrição no Apêndice H.

GUEDES-PINTO, A. L.; PARK, M. B.. **Ética e História Oral**. [mimeografado]. [s. l.]: 1998.

HALBWACHS, M.. **A Memória Coletiva**. 2. ed. São Paulo: Ed. Centauro, 2013.

KAUTSKY, K.. **A questão agrária**. São Paulo: Proposta Editorial, 1980.

MARX, K.. **Capítulo VI**: inédito de O Capital. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2004.

MAZZALI, L.; COSTA V. M. M.. Formação e evolução do complexo agroindustrial do leite: uma perspectiva histórica. In: XIII Encontro dos Grupos Temáticas do PIPSA. **Anais do XIII Encontro de Grupos Temáticos do Projeto de Intercâmbio de Pesquisa Social em Agricultura (PIPSA)**. Rio de Janeiro, 1988, v. 1, p. 293 – 354.

MEDEIROS NETO, J. B.. **Desafio à Pecuária Brasileira**. Porto Alegre: Editora Sulina, 1970.

MORAES, M. R. L. et al.. Atual conjuntura do setor industrial de leite: estudo da industrialização do leite no Brasil e no nordeste. In: III Congresso Nacional Pesquisa em Ensino e Ciências. **Anais [...]**. Campina Grande – PB, 20 a 22 de junho de 2018. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/42959>. Acesso em: 20 mai. 2021.

MOREIRA, R.. A Nova Divisão Territorial do Trabalho e as Tendências da Configuração do Espaço Brasileiro. In: LIMONARD, E.; MOREIRA, R.; HAESBAERT, R. (orgs.). **Brasil Século XXI**: por uma outra regionalização. Rio de Janeiro: Limonard, 2004, p. 123 – 152.

MOTA, V. G.. **Entrevista IV** [2019] (156 min.). Íntegra da transcrição no Apêndice D.

MUNIZ, D. C.. **Entrevista IX** [2019] (77 min.). Íntegra da transcrição no Apêndice I.

PAULILLO, L. F.; ALVES, F. (org.). **Reestruturação agroindustrial: políticas e segurança alimentar regional**. São Carlos – SP: Edufscar, 2002.

POLLAK, M.. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, Rio de Janeiro, pp. 200 – 212, 1992. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/104.pdf>. Acesso em: 08 jul. 2019.

PORTELLI, A.. Forma e significação na história oral. A pesquisa como um experimento de igualdade. **Projeto História**, São Paulo, n. 14, fev. 1997, p. 7 – 24.

PORTELLI, A.. História Oral Como Gênero. **Projeto História**. São Paulo, n. 22, jun. 2001, p. 9 – 36.

PORTELLI, A.. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. **Projeto História**, São Paulo, v. 15, abr. 1997. p. 13 – 49.

PRADO JÚNIOR, C.. História econômica do Brasil. 27. ed.. São Paulo: Brasiliense, 1976.

ROSA, V. T.. **Entrevista V** [2019] (84 min.). Íntegra da transcrição no Apêndice E.

SANTOS, J. C.. **O sistema agroindustrial do leite na região de Presidente Prudente – SP**. 2004. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2004.

SANTOS, N. F.. **Entrevista X** [2019] (77 min.). Íntegra da transcrição no Apêndice J.

TELES, J. B.. **Entrevista I** [2019] (58 min.). Íntegra da transcrição no Apêndice A.

THOMPSON, E. P.. **A Formação da Classe Operária Inglesa**: Volume 1, A Árvore da Liberdade. 1. ed. [1987]. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

THOMPSON, E.P.. Algumas observações sobre classe e ‘falsa consciência’. In: NEGRO, A.L.; SILVA, S. (orgs.). **E. P. Thompson. A peculiaridade dos ingleses e outros artigos**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2001, p. 269 – 281.

THOMPSON, E.P.. Folclore, antropologia e história social. In: NEGRO, A.L.; SILVA, S. (orgs.). **E. P. Thompson. A peculiaridade dos ingleses e outros artigos**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2001, p. 227 – 267.